

LUIZ EDUARDO NASCIMENTO

# **ERA DE AQUARIUS**

**SOBREVIVENTES DO FIM DO MUNDO**



LUIZ EDUARDO NASCIMENTO

# **ERA DE AQUARIUS**

**SOBREVIVENTES DO FIM DO MUNDO**

1ª Edição

Maricá/RJ

Luiz Eduardo Santos do Nascimento

2016

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Nascimento, Luiz Eduardo

Era de Aquarius : sobreviventes do fim do mundo /  
Luiz Eduardo Nascimento. -- Maricá, RJ : Ed. do  
Autor, 2016.

1. Ficção científica brasileira I. Título.

16-08319

CDD-869.308762

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção científica : Literatura brasileira  
869.308762

**Agência Brasileira do ISBN**

ISBN 978-85-921953-0-4



9 788592 195304

# Dedicatória

Aos meus pais (In Memoriam).

A minha esposa Cristiane.

Aos meus cachorros.

Aos meus amigos.

# Agradecimentos

A minha esposa Cristiane por compreender as horas songadas da família para escrever esse livro.

A Marinilda Carvalho pelas dicas de diagramação, formatação de imagens, softwares com códigos livres e como transformar meus rascunhos em E-pub.

## **Direito de reprodução da obra**

Essa obra é protegida por direitos autorais. Está proibida a sua reprodução parcial ou integral sem a expressa autorização do autor. Algumas das ilustrações contidas nessa publicação são de domínio público, outras possuem copyright dos autores sendo licenciadas apenas para esta obra, estando vedada sua reprodução parcial ou integral.

## **Créditos**

### **Revisão de provas:**

Rafaela M. B. Freitas – Redatora/Revisora/Tradutora

### **Ilustrador:**

Edmilson Coltrim – Professor de artes visuais/Ilustrador

# Epígrafe

*“CREIO QUE NO FIM DO MUNDO, NO INSTANTE DA ETERNA HARMONIA, HÁ DE ACONTECER ALGO DE SUBLIME QUE SATISFARÁ TODOS OS CORAÇÕES, QUE APLACARÁ TODAS AS INDIGNAÇÕES, QUE REDIMIRÁ TODAS AS MALDADES DOS HOMENS E TODO O SANGUE DERRAMADO; NAQUELE DIA, ALÉM DE SE PODER PERDOAR, PODER-SE-Á ATÉ JUSTIFICAR TUDO QUANTO SE VERIFICOU COM OS HOMENS”*

*Fiodor Dostoiévski*

# Lista de abreviaturas e siglas

**N.A.S.A** – “National Aeronautics and Space Administration”, corresponde em português à Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço, órgão do governo dos EUA que explora, monitora e estuda o espaço. – Citado pela primeira vez na página 11.

**G20** – Reunião de Cúpula das 20 maiores economias, que tem entre seus participantes, países ricos e emergentes para tratar de assuntos de interesse dos mesmos. – Citado pela primeira vez na página 13.

**S.U.V.** – “Sport Utility Vehicle” – corresponde em português à veículo utilitário esportivo – Citado na página 15.

**E.E.M.** – Evento de extinção em massa, dito do evento capaz de extinguir várias espécies vivas caso ocorra, um evento como esse é tido como responsável pela extinção dos Dinossauros. – Citado na página 21.

**D.N.A.** – “Deoxyribonucleic Acid”, corresponde em português à Ácido Desoxirribonucleico, é um composto orgânico cujas moléculas contêm as instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e funcionamento de todos os seres vivos e de alguns vírus. – Citado na página 81.

# Apresentação

O livro conta a saga de uma família que experimenta a ocorrência de um evento de extinção em massa, e tenta sobreviver em um planeta devastado e em condições ambientais extremas, tentando lidar com as agruras de perdas irreparáveis e confiar em outros sobreviventes, muitos deles hostis. Os personagens enfrentam situações de risco de vida, em condições precárias de alojamento e alimentação, cruzando toda a América do Sul na esperança de chegar a um ponto do planeta onde exista esperança de sobrevivida.

A história explora a inter-relação entre os seres humanos, o instinto de sobrevivência, o caos e declínio dos valores morais da sociedade em situações catastróficas, o embate entre crença religiosa e filosófica, o sentimento de impotência humana frente ao poder da natureza, a esperança no sentimento de fraternidade e algumas poucas qualidades que o ser humano foi capaz de desenvolver, e a resignação frente a morte de pessoas queridas.

O conteúdo combina ficção científica, drama e ação em uma história recheada de acontecimentos marcantes, reviravoltas e um final apoteótico e surpreendente.

# Índice de ilustrações

Imagem de capa e quarta capa – N.A.S.A.	
Imagem 01– Aurora Austral – N. Bauza.....	19
Imagem 02 – Explosão Solar – Domínio público.....	24
Imagem 03 – Sol enfraquecido – G. Altmann.....	26
Imagem 04 – Roda de Bicicleta – J. Macou.....	30
Imagem 05 – Floresta devastada – E. Cotrim.....	33
Imagem 06 – Chaminé de Casa – E. Coltrim.....	39
Imagem 07 – Sniper – J. Španko.....	44
Imagem 08 – Balsa – Arquivo Shutterstock.....	55
Imagem 09 – Pier – M. Schwarzenberger.....	59
Imagem 10 – Soro pingando – S. Schwehofer.....	67
Imagem 11 – Árvores e neve – E. Coltrim.....	75
Imagem 12 – Recuo do oceano – J. Macou.....	77
Imagem 13 – Cruzes de jazigo – E. Coltrim.....	83
Imagem 14 – Tempestade – Oimheid.....	94
Imagem 15 – Carrinho de compras – Domínio público.....	98
Imagem 16 – Onça Brasileira – E. Coltrim.....	103
Imagem 17 – Paliçada de madeira – A. Linden.....	107
Imagem 18 – Horta comunitária – Русский.....	109
Imagem 19 – Terra bola de neve – Arquivo Shutterstock.....	111
Imagem 20 – Estrela azul – E. Coltrim.....	115
Imagem 21 – Terra sob luz azul – Arquivo Shutterstock.....	116
Imagem 22 – Sistema binário – Arquivo Shutterstock.....	117

# Sumário

Dedicatória .....	5
Agradecimentos.....	5
Epígrafe.....	7
Lista de abreviaturas e siglas .....	8
Apresentação.....	9
Índice de ilustrações .....	10
Sumário.....	11
Capítulo 1 – Admirável mundo velho .....	12
Capítulo 2 – Evento de extinção em massa .....	22
Capítulo 3 – O início da jornada.....	31
Capítulo 4 – Não estamos sós.....	40
Capítulo 5 – A travessia .....	49
Capítulo 6 – A fragilidade da vida .....	59
Capítulo 7 – A humanidade resiste .....	68
Capítulo 8 – Pesadelo sem fim.....	78
Capítulo 9 – Fraternidade .....	87
Capítulo 10 – Fim ou recomeço? .....	99
Capítulo 11 – Da escuridão surge a luz.....	113

## Capítulo 1 – Admirável mundo velho

Tudo começou quando a N.A.S.A. anunciou que seus telescópios voltados para o sol tinham detectado o que eles chamaram de “anomalia”, uma mancha nova que se comportava irregularmente e tinha crescimento acelerado.

Logo depois, eles afirmavam que se tratava de um fenômeno absolutamente normal. Em seguida, foram produzidas dezenas de entrevistas com astrônomos fiéis à agência, que afirmavam que tudo aquilo fazia parte de um simples ciclo solar e que provavelmente os dinossauros presenciaram algo parecido. Tudo em nome do bom funcionamento da sociedade, em função da paranoia de prevenção de caos dos governos.

O ano no calendário: 2021. Meu nome é Roberto. Eu, minha esposa Carolina e nosso filho Pedro morávamos na Zona Sul do Rio de Janeiro. Tínhamos uma vida de classe média alta e planejávamos há muito tempo uma viagem em família para a *Tierra Del Fuego*, na Argentina, na tentativa de presenciar uma Aurora Austral.

Nós viajavamos muito e, como já tínhamos visto a Aurora Boreal no Canadá, faltava ver o que acontecia no sul.

A época não poderia ser melhor. A mancha solar parecia ter intensificado a ocorrência de tempestades solares e notícias davam conta da aparição de auroras das mais espetaculares já vistas. Isso aguçou nossa curiosidade, principalmente a de

Pedro, que, de todos, era o mais eufórico, caçando imagens na internet o dia inteiro.

A mancha já estava visível a olho nu e a temida paranoia coletiva já dava o ar de sua graça. Inevitáveis seitas religiosas do apocalipse começaram a aparecer e, mesmo que tenhamos estudado e analisado as notícias racionalmente, seria impossível que isso não influenciasse os sentidos maternos de Carol:

– Rô, eu estou com uma sensação que não passa, de que algo muito ruim está para acontecer. Não seria melhor adiarmos essa viagem para depois que essa loucura tiver reduzido? - disse ela.

Eu sou agnóstico e Carol acredita no espiritismo. Por isso, ela nunca costumava desprezar o que considerava “avisos do plano superior”.

– Amor, você sabe que eu gostaria muito de ter essa experiência em vida, mas agora não é mais por mim que quero fazer isso, mas sim pelo nosso filho, que está completamente excitado com essa viagem de uma forma que não vi em nenhuma das anteriores. Será uma grande frustração para ele se não formos - retruquei.

Nos dias seguintes, nós fizemos os preparativos para a viagem. Procuramos hotel, fizemos a reserva, compramos as passagens aéreas e reforçamos nosso armário com roupas de frio. Afinal, no Rio Grande seria tão frio quanto no Canadá.

Eu me considerava preparado para o final do mundo por ter visto muitos filmes do gênero. Apesar de meu ceticismo quanto à possibilidade de acontecer o apocalipse bíblico, eu sempre soube que o equilíbrio da vida na terra era uma situação transitória já que o planeta havia experimentado mais de um evento de extinção em massa. Por isso, eu achava que deveríamos estar sempre preparados, independentemente da paranoia crescente naquele momento.

Pedro contava os dias. Era impossível não perceber a sua felicidade precedendo essa viagem e isso causava-me um sentimento de bem-estar que aliviava as pressões do cotidiano insano da época. O país e o mundo em caos político, financeiro e de desabastecimento, as pessoas a cada dia mais intolerantes quanto às diferenças e querendo impor seus estilos de vida aos demais.

As periferias tornavam-se cada vez mais pobres, a violência atingia níveis jamais alcançados. Era um sinal claro da saturação do mundo moderno, ponto em que, inevitavelmente, ocorrem as quedas. Era a raça humana entrando em colapso.

Na véspera da nossa viagem, o noticiário falava de uma reunião chamada às pressas do G20, grupo dos vinte países mais ricos do mundo. O assunto oficial era definir uma forma de solução para o desabastecimento que já castigava as populações por mais de dois anos.

Desconfiei. Só agora resolveram ter pressa? Algo me dizia que a reunião era para falar sobre a mancha que, a essa

altura, já tinha contornos bem perceptíveis. Entretanto, cada jornalista que ousava um pouco mais nas perguntas era retrucado com respostas negativas e monossilábicas acompanhadas de uma visível contrariedade.

Fiquei assistindo TV até mais tarde na cama. De repente ouvi batidas na porta do nosso quarto, era o Pedro:

– Posso dormir hoje com vocês? - perguntou ele com a cara amassada como a de quem se revirou horas na cama sem conseguir dormir.

Com a voz de quem já tinha cochilado, mas que ainda estava com um leve sono, Carol responde:

– Mas você já tem oito anos, Pedro. Isso atrasa o seu desenvolvimento.

– Por favor, manhê... - disse ele fazendo manha.

– Vem filho - intercedi.

– Você sempre fazendo todas as vontades dele, e eu passo como mãe chata, não é? - reclamou Carol com razão.

– Eu te amo, mas nosso filho só está agitado por causa da viagem.

– Ok, mas vamos todos dormir porque viajar deixa a gente ainda mais cansado e esse menino precisa de muitas horas de sono - decretou a “supermãe”.

No dia seguinte, Pedro nos acordou animado.

Durante a viagem, só deu ele: andou pelo avião, foi chamado a atenção por Carol dezenas de vezes, enlouqueceu as aeromoças e entrevistou diversos passageiros. Contudo, com sua empatia envolvente, ninguém no avião ficou incomodado.

Quando chegamos ao Aeroporto Internacional do Rio Grande, aluguei uma S.U.V. confortável e fomos direto para o hotel.

Mal cheguei e entrei em contato com o guia que nos levaria em um local que permitisse uma boa observação da aurora. Tínhamos que ir no mesmo dia em que chegamos. Ainda que cansados da viagem, teríamos o resto do dia para descansar - até porque não seria possível aturar mais vinte e quatro horas de excitação do Pedro.

Comemos empanadas acompanhadas de um bom vinho argentino, enquanto Pedro se contentou com um suco de uva e doce de leite na sobremesa. Depois fomos para o hotel descansar até a noite.

Na hora marcada, nosso guia chegou. Federico era um jovem cheio de energia e, apesar de eu falar espanhol decentemente, argentinos têm um jeito peculiar de falar, - meio cantado e com muitas expressões idiomáticas locais difíceis de serem traduzidas - mas conseguíamos nos entender.

Quando descemos, tivemos uma pequena surpresa:

– Esta é minha noiva Consuelo. Ela está grávida e não queria ficar sozinha esta noite... - apresentou-nos Federico.

– Que linda! - disse Carol já abraçando Consuelo, que, apesar da cara de menina, tinha um barrigão indicando gravidez avançada.

– Não é perigoso para ela? Onde vamos é distante de hospitais... - falei em um portunhol compreensivo.

– Consuelo e meu filho são muito fortes - garantiu Federico.

Federico queria dirigir, pois conhecia os caminhos, mas eu disse que estava fora de questão. Muito crítico ao comportamento das novas gerações, eu era um homem de trinta e oito anos muito controlador em se tratando da minha família. Por isso, disse a ele que me sentiria mais seguro se eu mesmo dirigisse e ele me guiasse.

A minha desconfiança de que a presença de mais dois passageiros agitaria mais o Pedro se confirmou. Ele passou a entrevistar Consuelo durante o trajeto querendo saber tudo sobre a gravidez e a criança. Eu chamava a atenção dele dizendo que estava cansando a moça, mas ela estava encantada com o carisma do nosso filho.

Pedro então decretou que queria um irmãozinho. Olhei rindo para Carol, que colocava as duas mãos sobre as têmporas balançando a cabeça negativamente, mas também achando graça.

Carolina ligara as trompas dois anos depois do nascimento de Pedro. Ela dizia que não queria colocar mais um filho nesse mundo onde as pessoas estavam enlouquecendo.

Embora eu fosse o provedor da família, era a personalidade forte de Carol que definia os nossos rumos, e ter compreendido isso desde o início do relacionamento só nos fortaleceu.

O Federico realmente conhecia lugares muito especiais naquela região, e foi justamente no mais incrível deles que ele nos levou.

Quando chegamos, saímos eu, Federico e Pedro para juntarmos lenha a fim de fazermos uma fogueira porque a temperatura no local já estava muito baixa. Carol e Consuelo pareciam amigas de infância.

As luzes do céu chegaram e o espetáculo foi inesquecível. Luzes com intensidade inédita bailavam no céu como um vídeo lisérgico dos anos 70.

Até Federico, que costumava levar grupos para assistir a Aurora, ficou impressionado com a intensidade do que estávamos vendo.

Tudo foi maravilhoso. Tomamos chimarrão, chocolate quente e assamos Marshmallows. Rimos muito e Pedro adormeceu nos meus braços.



Com a madrugada avançando e a temperatura caindo, voltamos para o hotel e nos despedimos do jovem casal. Estávamos cansados, porém felizes.

No hotel, Carol colocou Pedro na cama, tomamos um banho e fomos deitar. Ela dormiu rápido, mas eu e fiquei acordado por mais tempo vendo um canal de notícias argentino, pois aquela reunião do G20 havia colocado uma pulga atrás da minha orelha.

Não demorou muito para virem as notícias que confirmaram parte das minhas preocupações. Sem maiores justificativas, o G20 cancelou a reunião e nenhum chefe de estado apareceu.

A reportagem focou em grupos que protestavam contra a reunião do G20 - que aconteceria em Londres - e anunciavam o fim do mundo:

– Eles não estão aqui porque estão escondidos em seus abrigos antibomba e vão nos deixar à nossa própria sorte. Só sabem mentir e mentir! - declarou aos gritos um manifestante com arrastado sotaque britânico.

Ainda em choque com a notícia, a edição da TV volta para o âncora, que anuncia que novas informações recebidas dão conta de que em uma seita no Japão foi promovido um suicídio coletivo e, segundo contagens parciais, centenas de pessoas tinham sido encontradas mortas. As autoridades ainda não tinham um número exato.

Transtornado com tudo que acontecia, desliguei a TV e, fui beber um pouco de água da moringa que eu sempre carregava comigo para onde fosse, e que tinha deixado na cabeceira da cama. Enquanto bebia água fresca, refleti muito e decidi que voltaríamos ao Rio de Janeiro no dia seguinte. Já tínhamos visto a Aurora - que foi mais incrível do que poderíamos imaginar. Portanto, o objetivo da viagem estava cumprido e era hora de voltar para casa.

## Capítulo 2 – Evento de extinção em massa

Como sabíamos que estaríamos cansados, não marcamos nada para a manhã seguinte da observação da aurora.

Pedro enfim descarregara na noite anterior toda a excitação e depois que pegou no sono na madrugada, percorreu o trajeto inteiro de volta para o hotel dormindo em um sono profundo e às vezes agitado, que atribuímos a toda euforia da viagem.

Carol dormira depois das duas e eu passara–das três acordado, mas, mesmo assim, fui o primeiro a acordar naquele dia. Mantive as janelas fechadas para evitar a entrada de luz e deixar os dois dormirem um pouco mais.

Escovei os dentes, belisquei alguma coisa no frigobar e, enquanto voltava para cama, eu ouvi um barulho de algo que parecia uma explosão muito grande.

Só o som já me atordoou e me fez cair no chão. Alguns segundos depois e antes que pudesse me recuperar, veio uma onda de calor, ventos fortíssimos e tremores de terra que me fizeram apagar.

Acordei muito tempo depois. Vi que Carol e Pedro ainda estavam desacordados e eu tentei ir até eles. Dei dois passos e caí, pois, estava totalmente desidratado. Fui me locomovendo

até chegar até onde estavam Carol e Pedro, que se encontravam desacordados.

Comecei a entender que algo muito grave tinha acontecido quando acordei Carol e Pedro e percebi que eles estavam muito debilitados. Enchi a banheira do quarto com a água quente que saía da torneira e a esfriei com os cubos de gelo que o frigobar, mesmo sem energia, manteve.

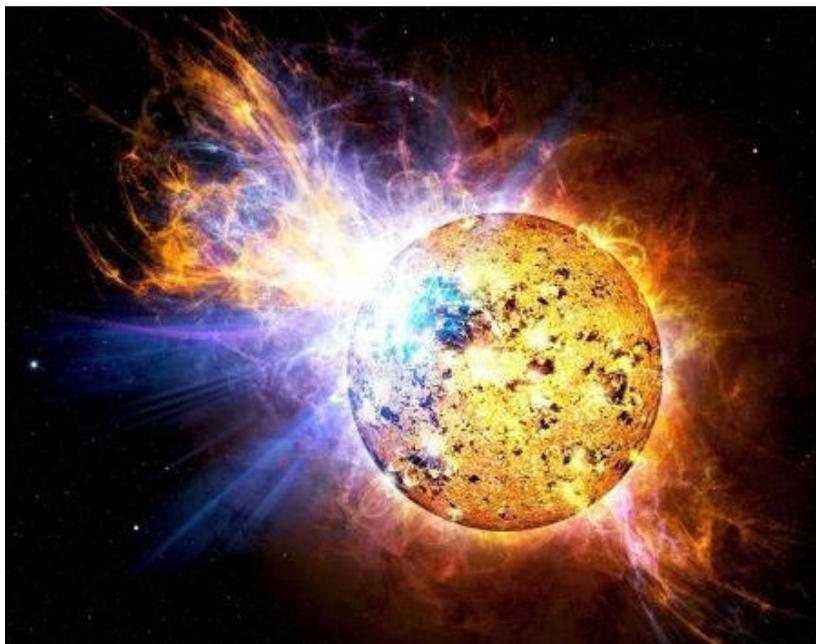
Coloquei os dois na banheira para tentar esfriar a temperatura corporal deles. Bebemos a água da moringa, que estava em temperatura que dava para beber. A água que saía das bicas estava fervendo.

Nada funcionava. Luz, energia, celular, telefone, não se ouvia o mínimo barulho de movimentação de pessoas vindo das dependências do hotel.

Tentei chegar até a janela para abrir e fazer circular o ar quente do quarto, porém me queimei ao encostar na parede. Joguei um pouco de água nela e o vapor despreendeu na mesma hora.

Foi aí que percebi que o que tinha acontecido poderia estar relacionado ao Sol e eu não poderia abrir aquela janela sob risco de fritar a todos nós com os níveis de radiação lá fora.

Tentei gritar por socorro, mas ninguém respondia. Pedro estava inconsciente de novo e Carol estava tão fraca que sequer conseguia falar.



Resolvi que iria na rua tentar achar um médico e Carol, com muito esforço, balançou a cabeça negativamente e balbuciou:

– Não vá lá fora. Nós não sabemos o que aconteceu e se você morrer estará selando também os nossos destinos. Fique aqui e cuidaremos do nosso filho.

Mais uma vez tive que concordar com Carol, seria uma bravura estúpida, sem sentido e com final desastroso.

Fiz tudo que pude para salvar meu filho, mas ele era uma criança com o organismo ainda em desenvolvimento e não resistiu àquela variação brusca de temperatura.

Pedro morreu em meus braços e, assistindo a tudo sem poder fazer nada para ajudar, Carol ficou catatônica.

Aquele era o início do meu inferno pessoal, que aconteceu exatamente um dia depois de um dos dias mais felizes da minha vida.

Depois de sofrer por dois dias, a temperatura foi baixando e eu pude me arriscar a ir lá fora para dar um enterro digno ao meu filho, já que ainda teria que ficar ali por um tempo cuidando de Carol.

A cena que vi foi apavorante. Pessoas e animais foram completamente carbonizados instantaneamente.

Presumi que só tivemos sobrevida porque, além de estarmos em um dos pontos mais frios do planeta, não ficamos expostos diretamente à radiação que veio do sol. Aqueles que estavam sem a proteção de anteparos no momento do evento foram literalmente calcinados.

Como era noite, eu ainda não tinha visto o que tinha acontecido com o Sol. No dia seguinte, quando amanheceu, eu me arrisquei a sair à luz do dia.

Estava muito quente ainda, mas quando olhei na direção do sol, tomei o segundo baque. Estava menor e mais fraco, como se tivesse perdido muita massa em uma explosão.

Pelo menos era o que indicava sua condição à olho nu, já que não tinha a quem consultar sobre o que tinha ocorrido. O Sol estava à pino e a iluminação era como se estivéssemos no final da tarde. Poderia ter se transformado em uma *supernova*, mas eu não tinha parâmetros de comparação. Cientistas diziam que estas só ocorriam em estrelas massivas e no final da sua vida, mas cientistas só fazem afirmações a partir de observações do que já presenciaram no universo e, estávamos muito distantes de ter visto todas as facetas do universo.



Se o sol virou uma supernova eu não teria condições de afirmar, o que estava claro é que nunca mais seria o mesmo e isso provavelmente seria muito ruim para a humanidade.

O calor que estávamos sentindo derivou do que foi desprendido do sol e se manteve por dias aprisionado na nossa atmosfera rica em gases do efeito estufa. Mas essa realidade mudava gradativamente, dia após dia.

Com o sol enfraquecido, o planeta não escaparia de uma nova idade do gelo, e as baixas latitudes onde nos encontrávamos seria o pior lugar para estar depois que todo o calor residual do evento fosse dissipado. Mas como sair dali com Carol tão debilitada?

Carol recusava-se a comer e, mesmo forçando, ela definhava de maneira preocupante. Temendo perder tudo que sobrou da minha família, apelei para a sua crença e disse que nosso filho não aceitaria que ela desistisse da vida e que ele deveria estar chorando por não ver a mãe reagir.

Falar aquilo para Carol foi duro demais até para mim, mas ela, mesmo sem voltar a falar, aceitou ao menos se alimentar.

Os dias passavam e nenhum sinal de vida. Éramos só nós e eu já trabalhava com a hipótese de que hóspedes, funcionários, camareiros e donos tivessem todos sido mortos durante o evento.

Fiz expedições aos quartos e cozinha do hotel onde consegui água em garrafas e enlatados que nos sustentariam até que Carol pudesse se locomover.

Aos poucos, Carol começou a se recuperar. Ela sentiu muito, assim como eu, a perda de Pedro, mas ela demonstrava isso através do abatimento físico e mental.

Contei a ela que se quiséssemos ter alguma chance de sobreviver, teríamos que começar a migrar para o norte imediatamente. Deveríamos atravessar a América do Sul e chegar até a latitude do Equador, onde presumia ser mais quente. Expliquei que esse percurso levaria um bom tempo para ser completado, sobretudo em condições muito difíceis de abrigo e alimentação, além dos perigos de um mundo selvagem e sem leis, mas que precisaríamos tentar para que a morte do nosso filho não tenha sido em vão. Já tinham se passado duas semanas desde o evento, estava na hora de ir.

Começamos a nos preparar para a grande viagem de nossas vidas: a viagem pela sobrevivência. Reuni coisas que seriam úteis no caminho. Uma barraca de camping, machadinha, pederneira, utensílios para preparar alimentos, lampião, etc...

Seria difícil dizer adeus a Pedro definitivamente, mas estávamos decididos a sobreviver o máximo que o planeta nos permitisse. Não iríamos simplesmente desistir e esperar pela morte congelante. Enquanto houvesse vida, existiria esperança, como diz o ditado.

Antes de partir precisávamos tentar conseguir um veículo, mas todos que encontramos nem ligavam. Imagino que o pulso eletromagnético vindo do sol tenha fritado todos os circuitos e esses carros mais novos com injeção eletrônica, são todos computadorizados. Mesmo os mais antigos não funcionavam, pois, com a intensa radiação que receberam, os veículos que estavam expostos, chegaram a fundir as juntas dos cabeçotes de seus motores e a derreter suas baterias.

O que mais via nesses filmes e séries pós-apocalípticos eram os personagens acelerando carrões e motos durante muito tempo depois dos combustíveis terem sido destilados pela última vez, o que sabia que não era possível porque estes têm prazo de validade, mas como esses eram relativamente novos eu contava com poder rodar os motores pelo menos até chegarmos ao Equador.

Depois de tentar vias alternativas, descobrimos que a melhor opção sequer fora lembrada em filmes pós-apocalípticos. Por que os autores que sempre admirei não tinham pensado nisso antes? O mais viável e prático veículo pós-apocalíptico em um mundo onde não funcionam mais veículos automotores e não existem os de tração animal é a velha e boa bicicleta.

Consegui duas mountain-bikes para viajarmos. Não era a bicicleta mais confortável para a nossa faixa etária, mas era o que tínhamos à mão. Na minha, adaptei um reboque de carro para levar toda a parafernália.



Para incentivar Carol, disse a ela que seríamos os últimos seres humanos a cruzar toda a América do Sul de bicicleta, mesmo que não exista mais posteridade para registrar a proeza.

## Capítulo 3 – O início da jornada

Nos despedimos de Pedro com muita tristeza. Eu queria desmoronar e não podia. Bastava o olhar perdido de sofrimento de Carol. Pela primeira vez em nossos 15 anos de casados eu teria que ser o mais forte e tomar as decisões que decidiriam nossos destinos.

No 23º dia após o evento, partimos rumo ao norte. O cenário parecia-se com as gravuras de como nós, humanos, imaginávamos e retratávamos o inferno. Edifícios, árvores, mato, corpos de pessoas e animais, tudo carbonizado. Um fundo estéril para nossa nova existência em um mundo de lusco-fusco e escuridão.

Alguns focos de incêndio ainda estavam ativos. A fumaça escurecia ainda mais os dias já pouco luminosos.

Eu consultava mapas uma vez que não existiam mais aparelhos de GPS funcionando, pois provavelmente não existiam mais satélites para guiá-los. Nada vivo se movia. O silêncio só era quebrado pelo sibilar dos ventos e pelas-gotas de chuva caindo sobre os destroços do que restou da civilização.

O quadro era desolador. Contudo, eu não podia demonstrar desânimo para Carol. Se isso acontecesse seria o nosso fim. Pensei em como o conhecimento da região de Federico nos ajudaria naquele momento, mas, sem nenhuma

forma de contato, sequer sabia se aquela jovem família sobrevivera. Torci para que tivessem conseguido.

Sem muitas referências, procuramos seguir o litoral atlântico, mas, ao nos aproximarmos do oceano, pudemos sentir o cheiro horrível de material orgânico em putrefação que fora causado pela grande mortandade de animais marinhos durante o evento.

O mar jogava as carcaças na praia e lá elas permaneciam apodrecendo a céu aberto. Nós sequer chegamos a ver o mar, porque a uns quatro ou cinco quarteirões da praia o ar já havia se tornado irrespirável.

Nós então seguimos bordeando o litoral, porém sempre mantendo uma certa distância da praia. Felizmente, quem estava em cima da terra no momento do evento ficou tão queimado que não sobrou material orgânico para apodrecer. Então, apesar de não ser uma cena bonita, nosso caminho era ao menos respirável.

Eu acreditava na possibilidade de encontrarmos animais e seres humanos vivos. Não seria possível que só nós tivéssemos resistido ao evento. Mas sabia que provavelmente sobraram poucos já que estávamos na estrada há vinte dias e não tínhamos ainda encontrado uma alma viva sequer.

Os dias iam ficando mais frios, embora lentamente para nossa sorte. Comida e água não nos faltavam porque no caminho existiam muitos mercados praticamente intactos de onde pegávamos alimentos sempre que necessário.



A barraca foi dispensada nos primeiros dias - menos peso para carregar - afinal, abrigo para passar a noite também não nos faltava.

Quando entrávamos em uma casa e nos deparávamos com os corpos dos antigos moradores que pereceram, saíamos e procurávamos por outra vazia para passarmos a noite.

Banhos eram raros, só de caneca e com água aquecida no fogão. Eu sentia muita falta de comer algo que não fosse enlatado e também de usar as redes sociais.

Carol mal falava algumas palavras por dia. Pedro sempre foi um tagarela que falava por nós três. Certa vez quanto tinha seis anos de idade, participou de uma peça escolar e, não satisfeito com o pequeno texto recebido pela professora, improvisou sua fala e só parou quando o público caiu na gargalhada com os sinais que a professora fazia para fazer com que ele terminasse seu monólogo.

Andávamos por mais uma cidade que havia sido dizimada pelo evento e eu estava distraído, preocupado com a aceleração da queda da temperatura, quando virei-me e vi Carol parada em frente a alguns corpos carbonizados.

Quando me aproximei e vi seus olhos cheios de lágrimas foi que percebi a cena que se passava ali: uma pessoa - que concluí ser uma mãe - estava agachada encobrendo o corpo de uma criança tentando protegê-la do fogo vindo do céu que encerrou a vida daquela família.

Eu e Carol nos abraçamos e choramos mais uma vez. Apesar de estarmos vendo o inferno nos últimos trinta dias na estrada, aquela cena nos comoveu demais e jamais a esqueceríamos.

Cavei uma sepultura para aqueles corpos. Era impossível fazer o mesmo para cada um dos que encontrávamos no caminho por onde passávamos. Portanto, aquele foi um funeral simbólico. Estávamos enterrando o que restou da raça humana.

Podemos enumerar muitos defeitos da raça humana, principalmente o egoísmo. No entanto, não podemos ignorar o fato de que mantivemos a herança primitiva da proteção de nossas crias, assim como os demais animais deste planeta.

Aquela mulher arriscou sua vida para tentar, em vão, proteger aquela criança da morte - que, conseqüentemente, viria para as duas.

Talvez tenha sido uma reação instintiva - dada a velocidade e agressividade do evento - e o sacrifício não tenha sido consciente, mas essas eram apenas—minhas divagações diante da certeza da fragilidade de nossas vidas.

Comecei a entender Carol. Também passou pela minha cabeça naquele momento que seria melhor ter morrido com nosso filho, mesmo que isso não poupasse a vida de Pedro.

Chegando a uma cidade um pouco maior, avistamos um supermercado. Disse a Carol para reabastecermos nossos mantimentos, que já estavam chegando ao fim.

Entramos com cautela - assim como em cada lugar que entrávamos - pois não sabíamos o que poderíamos encontrar, ainda que não víssemos sinais de vida há mais de dois meses.

Quando digo vida, refiro-me a todo ser que possua coluna vertebral, cérebro e respire. Insetos não desapareceram. Nos primeiros dias, de fato não vimos absolutamente nenhum ser vivo, mas depois eles começaram a reaparecer, primeiro os do solo, depois os voadores.

- Carol, vai vendo o que a gente precisa enquanto eu dou uma olhada no frigorífico. Tenho esperança de que o gelo tenha se mantido e eu consiga alguma carne fresca. Quem sabe eu encontro uma picanha? - disse tentando arrancar um sorriso dela.

- Você está querendo se matar? Picanha? Vamos conseguir é uma infecção intestinal comendo comida estragada! - retrucou, um pouco sem paciência.

No fundo, eu não acreditava que a carne poderia ter se mantido, mas como temia não encontrar mais animais vivos, aquela poderia ser minha última chance de comer alguma carne fresca - ou o mais perto disso que pudesse encontrar.

Quando abri a porta, senti um cheiro que me fez vomitar durante o resto do dia. Além da carne estragada pendurada nos ganchos, havia um corpo meio encoberto pela água que derreteu do frigorífico e que agora, com o frio, voltava a congelar.

Naquela noite, enojado pelo que vi e senti, não comi nada. Contudo, agradei por ter carne e embutidos salgados que

ainda davam para ser consumidos sem riscos para a saúde. Passei a valorizá-los e a consumi-los frequentemente, até mesmo por saber que durariam por tempo limitado.

A viagem acontecia sob condições adversas, a natureza parecia reagir ao evento e não estava nada satisfeita.

Ventanias, tornados e chuvas, que às vezes traziam granizo e neve, eram frequentes. Quando o clima apertava muito, fazíamos pausas um pouco maiores até o tempo dar-nos um fresco.

Em determinadas ocasiões, essas tempestades duravam muitos dias, mas não podíamos parar de rumar ao norte. Então, enfrentávamos o tempo para ganhar alguns quilômetros de vantagem já que tínhamos que chegar à latitude zero antes que o combalido sol se afastasse do hemisfério sul, depois do próximo solstício.

Temia que com a queda da temperatura tudo ali fosse uma gigantesca calota polar por volta de julho ou agosto. Eu acreditava de que viveríamos uma nova era de gelo, mas também tinha esperanças de poder sobreviver em algum lugar do planeta.

Sobreviver e levar Carol para algum lugar onde pudesse cuidar dela era meu combustível para continuar a enfrentar tudo que fosse necessário a fim de alcançar aquele objetivo. Percebi que ela entendeu isso e decidiu que iria comigo onde quer que fosse, mesmo que o planeta tentasse nos impedir.

Em uma dessas viagens diárias em que raramente o tempo estava firme e não chovia nem ventava forte, chegamos ao alto de uma serra que ladeava o mar através da estrada pela qual pedalávamos.

Peguei o meu binóculo para ver as cidades que a altitude na qual estávamos permitia-nos vislumbrar e tive uma surpresa que me deixou excitado como há muito não ficava.

– Carol, estou vendo uma fumaça vindo de uma chaminé. Deve ter gente viva lá, amor!

– Você deve estar confundindo, Roberto. Deve ser de um incêndio e a fumaça está passando na frente da chaminé.

– Não, Carolina, eu não estou vendo coisas - disse com leve deboche. – Deve ter gente lá. Não é possível que a lenha continue fazendo fumaça por tanto tempo sem ninguém para reabastecer. Tem gente lá - insisti.

– E se tiver? Por que nós vamos nos arriscar? E se forem violentos? A troco de que nos arriscaríamos? Tanto tempo na estrada lutando contra a natureza para morrer de forma idiota, por curiosidade? - respondeu séria, quase começando uma briga.

– Pelo sentimento de humanidade, meu amor. É importante sabermos que ainda existem pessoas vivas como nós, que não somos os únicos. Podemos até convidá-los a se juntarem a nós nesta jornada rumo ao norte - apelei.

– Você é e sempre será um sonhador, Rô. Ainda bem que aquilo deve ser só um incêndio e não vamos nos meter em encrencas.

Mais uns dois dias e chegaríamos naquela cidade. Eu estava muito ansioso com a possibilidade de ver gente viva. Mesmo que não falassem a minha língua, era bom saber que não éramos os únicos vivos nesse mundo.



## Capítulo 4 – Não estamos sós

Carol documentava a nossa jornada desenhando. Ela sempre gostou de desenhar amadoramente e, naquele momento, aquela prática servia como uma terapia. No começo, os desenhos eram todos soturnos, além de muitos retratos do Pedro. Porém, com o tempo, eles passaram a refletir a evolução do humor dela.

Em um desses momentos em que ela estava concentrada em seus desenhos e eu estava arrumando nossas coisas para voltar a pedalar, ela deu um grito. Era uma cobra que saía do mato e beirava a estrada que tentava, meio desajeitada, se locomover no asfalto. Ela passou na frente da Carol, que tomou um baita susto.

A minha reação foi pegar um facão. O que enxergava ali era uma carne fresca que não comia há bastante tempo. Então, ouvi um novo grito:

– Ah, não, nem pensar que você vai matar o primeiro animal vivo que vemos em meses. Eu não vou comer nenhum bicho morto e, se você matar qualquer animal enquanto não estivermos passando fome, eu nunca mais falo contigo - decretou.

Percebendo que a situação não seria negociada, observei o nosso jantar se afastar lentamente. Resmunguei baixinho, mas, no fundo, fiquei feliz por Carol ainda dar valor a uma vida, mesmo que seja a de uma cobra.

Chegamos à cidade onde avistamos a casa com a chaminé saindo fumaça e procuramos por sinais de vida recente. Logo percebemos que muitas lojas da cidade estavam com as portas arrombadas - provavelmente por pessoas que buscavam mantimentos.

Não foi difícil achar a rua uma vez que esta tinha sua entrada fechada por carros que haviam sido empurrados de modo a formar uma barreira artificial.

O que pude compreender de mensagens de aviso pintadas na esquina é que alertavam visitantes a não entrarem na rua, e que se insistissem, poderia ser perigoso.

Aquilo foi o bastante para que Carol quisesse desviar dali:

– Vamos embora, Rô. Estou com um mau pressentimento de novo.

– A mensagem deve ser endereçada a visitantes desagradáveis. Vamos nos apresentar e mostrar que temos boas intenções - insisti.

Percebendo que eu estava muito decidido a manter contato com outras pessoas, Carol, mesmo contrariada, aceitou ir comigo.

Nos aproximamos dos carros que estavam na entrada da rua, levantei os braços balançando-os de um lado para o outro para chamar a atenção e gritei:

– Olá, viemos em Paz. Estamos apenas passando e eu e minha mulher gostaríamos de conversar com pessoas vivas - disse em um péssimo espanhol.

Após alguns segundos ouvimos um estampido de arma de fogo. O projétil atingiu o chão a um metro do meu pé esquerdo. Foi um tiro para assustar.

De longe, ouvimos a voz de um homem adulto gritar em um espanhol incompreensível - cheio de expressões do interior da Argentina. Só entendi que ele falava muitos palavrões.

Eu e Carol levantamos os braços para mostrar que estávamos desarmados. Eu insisti:

– O que acontece? Não temos armas de fogo nem queremos causar problemas – argumentei.

Outro estampido. Esse pegou entre os meus dois pés. Olhei para uma Carol pálida e gritei:

– Corre.

Deixamos tudo para trás: bicicletas, mantimentos, perdemos tudo. Continuamos correndo até acabar o fôlego.



Paramos para descansar e tentar entender o que aconteceu. Carol me olhava com aquela cara de “eu não te disse?”, mas poupou-me de vocalizar as palavras.

Eu estava arrasado. Em parte, pela humilhação que passamos, pois, mesmo nos rendendo, não tivemos o mínimo de respeito daquelas pessoas.

Os únicos seres humanos vivos que encontramos - algo que deveria sinalizar alguma esperança de sobrevivência para nossa espécie - queriam nos matar sem que tivéssemos feito nada contra eles.

Pensei que tudo aquilo que estava acontecendo poderia ser uma conspiração do universo para nos banir justamente por atitudes como as daquelas pessoas.

O sentimento de fraternidade desapareceu da raça humana. Nos tornamos, pouco a pouco, egoístas e mesquinhos, até que chegamos ao ponto de não suportar mais um ao outro.

Aquelas pessoas deviam estar protegendo seus mantimentos e, por isso, resolveram que poderiam matar seus semelhantes.

Mas, na verdade, não era bem assim, porque pela precisão do tiro entre as pernas se o atirador quisesse acertar entre os meus olhos, ele poderia. Provavelmente, ou ele apenas não queria dividir o que tinha ou não queria lidar com outras pessoas.

Ele apenas nos mandou embora, mas eu estava chateado mesmo assim. Aquele episódio, além de destruir minhas esperanças de resistência da humanidade, influenciaria nossos passos dali em diante.

A partir de agora, evitaríamos e nos afastaríamos de qualquer vestígio de vida humana nas próximas cidades.

– Só podia ser argentino! – gritei.

– As pessoas, os que restaram, devem ter enlouquecido. Me admira que ainda tenhamos sanidade mental - disse Carol.

Não respondi, mas pensei: “Será que temos mesmo?”

Naquela noite não comemos porque toda nossa comida ficou para trás com as coisas que abandonamos na fuga. Nos dias seguintes, concentramos esforços em repor nossas coisas.

Em uma dessas expedições, quando saímos de um pequeno mercado onde pegamos água, enlatados e demais suprimentos, encontramos uma casa de diversões.

– Vamos entrar? - disse, querendo ter algum momento de descontração.

– Você não é mais criança, Rô. Lembre-se que ainda temos que conseguir duas bicicletas.

– Já está anoitecendo. Vamos passar a noite aqui... - insisti.

Ela acabou aceitando. Ao entrarmos, vimos todas aquelas máquinas eletrônicas que provavelmente jamais voltariam a ser ligadas.

Ainda bem que o progresso ainda não tinha desaparecido com os jogos da era pré-digital - como o Totó, a Sinuca e o Ping Pong.

Aquele seria o primeiro momento de relaxamento e descontração desde a morte do Pedro. Já haviam se passado mais de três meses e eu me esquecera de como era lindo o sorriso de Carol - motivo pelo qual eu me apaixonei por ela.

É claro que eu dei uma “empurradinha”: uma garrafa de uísque escocês envelhecido que peguei no mercado que acabáramos de deixar.

Nós bebemos, jogamos, rimos muito, bebemos mais, dançamos sem música e namoramos. Pensei que jamais teríamos libido novamente na situação que nos encontrávamos.

Nós não tivemos psicólogos, terapeutas, acupunturistas, religiosos ou outros apoios que a sociedade moderna tem a sua disposição para enfrentar os momentos terríveis da vida de um casal que perde o filho. Choramos por Pedro e tivemos que absorver tudo sem nem um vidrinho daqueles florais de homeopatia, que ao menos te deixam mais *zen*.

Não que um dia tivéssemos precisado desses apoios. Nós eramos uma família feliz, e tínhamos uma vida confortável. Viajávamos todo ano, cada um tinha seu carro e Pedro

frequentava um dos melhores colégios do Leblon. Aquele inferno que estávamos vivendo era um pesadelo no final de um sonho maravilhoso.

Aquele dia reforçou nossa união e nos deu perseverança para chegarmos ao nosso objetivo e tentar sobreviver o máximo que pudéssemos. Carol e eu ainda choraríamos muitas vezes pela saudade cada vez maior que sentíamos de Pedro, mas o choro seria intercalado por períodos de alívio com os sorrisos reconfortantes de Carol.

No dia seguinte, nossos organismos cobraram a conta daqueles raros momentos de felicidade. Quem falou que uísque escocês não dá ressaca é um brincalhão. Meu estômago se contorcia só de ver comida em lata.

– Que tal um Bloody-Mary? É o melhor remédio para curar ressacas - disse ela, claramente debochando do meu estado. Carol sempre dizia que homens não aguentavam sentir dor ou ficar doentes, que sempre fazem um drama exagerado e dizem que vão morrer por coisas pequenas.

– Se você encontrar um tomate para eu fazer um Bloody-Mary me avisa. Na verdade, o que quero é um antiácido. Vamos procurar por uma farmácia - respondi com mau humor.

Carol riu e ficou me provocando e falando de comidas - coisa que eu nem queria ouvir falar naquele estado. Mas ela cuidou de mim como sempre, me oferecia água toda hora e fez uma comida leve para eu comer.

Na verdade, ela sempre cuidou de mim, mas agora, sem Pedro, eu receberia todas as atenções e eu precisava entender isso porque era importante para ela transferir para mim o cuidado de mãe que ela dispensava ao nosso filho.

Antes de encontrar uma farmácia, encontramos uma loja de bicicletas. Aquela era uma boa notícia porque andando, reduzimos bastante nosso progresso diário rumo ao norte. E o frio estava aumentando rapidamente.

Arrombamos a loja e encontramos modelos mais confortáveis que nossas antigas mountain-bikes. Gritei um “chupa” para o atirador argentino.

Em breve deixaríamos o solo argentino e chegaríamos ao Uruguai. No caminho, Carol avistou outra chaminé saindo fumaça:

- Quer testar novamente a humanidade? - disse Carol com sorriso no canto da boca e apontando para a casa distante.

- Você está muito sarcástica. Vamos desviar daquela cidade - respondi.

Quando Carol não podia mais ver a minha reação, ri de sua gozação, de fato eu mereci.

## Capítulo 5 – A travessia

Alguns dias depois, encontramos uma placa que indicava a direção da foz do Rio da Prata, que limita a Argentina do Uruguai. Era para lá que teríamos que ir.

- Não me diga que vamos atravessar um rio? - disse Carol com terror.

- Vamos ter que atravessar vários rios no caminho, querida, e muitas vezes não vamos ter pontes.

- Como não tem pontes? As pontes não caíram - insistiu ela.

- Mas, querida, nós até agora passamos apenas por pontes curtas sobre riachos. Se formos contornar rios caudalosos até encontrar pontes para podermos atravessar, perderemos dias e mais dias nos desviando do caminho mais rápido ao norte. Além disso, nós não sabemos como estão as condições delas depois do evento. Como elas suportam muito peso, falhas podem levar ao colapso de toda a estrutura – rebati.

Carol não refutou, mas ela estava claramente contrariada. Não tinha o menor medo de voar, mas quando tratava-se de flutuar, causava pânico nela só de pensar, por isso, nós nunca fizemos passeios de barco, velejamos ou coisas do gênero.

- Não se preocupe, vou arrumar uma embarcação segura para uma viagem tranquila - prometi.

Chegamos a uma espécie de marina. Entramos no lugar com todo o cuidado, temendo deparar-nos com mais algum argentino armado.

A marina estava repleta de barcos caros, poderíamos até escolher. Na mesma hora lembrei que esses possantes funcionam com motores como os dos automóveis, que foram inutilizados com o pulso eletromagnético gerado no evento.

Todas aquelas embarcações de luxo eram sem serventia para nós. Barcos a vela nem pensar, não tínhamos a menor experiência, seria uma aventura lotérica. Encontrei um barco a remo que tinha o tamanho suficiente para nós dois, nossas bicicletas e nossas coisas.

– Os meus braços ainda têm forças para remar. Vai ser uma moleza atravessar esse Rio da Prata. Hoje vamos procurar um lugar para dormir e amanhã o Capitão Roberto vai te levar para passear.

Carol sorriu por achar graça na minha tentativa de fazer uma piada, mas não abandonou o semblante de preocupação.

– Quantas vezes na vida você remou, Rô? Eu não estou com bom pressentimento.

Fiquei irritado. Esperava mais apoio naquele momento afinal, também estava com medo, só não podia demonstrar para Carol ou teríamos que nos atrasar quilômetros a oeste até achar uma ponte.

Dormimos na cabine de um dos barcos luxuosos. No dia seguinte, já cedo comecei a preparar a viagem: coloquei tudo dentro do barco e fiz um alongamento para poder remar sem ter muita câimbra, visto que havia muito tempo que eu não sabia o que era fazer exercícios regulares com os membros superiores a não ser guiar a bicicleta e carregar peso.

Tudo pronto. Cadê Carol? Ela sumiu. Será que ela resolveu fazer o primeiro motim contra o capitão Roberto antes mesmo de embarcarmos? Não, ela deve estar brincando, pensei, faz parte dessa nova fase com seu humor sarcástico.

Vinte minutos depois ela chega sorrindo e carregando dois coletes salva-vidas. Que afronta, pensei, mas balancei a cabeça positivamente e fiz o sinal de “joinha” com o polegar.

Carol entrou no barco como se estivesse atravessando um cabo alto esticado sem rede de segurança e com uma sombrinha em uma das mãos.

Quando entrava em pânico, ela não fazia escândalos ou gritava. Ela apenas ficava muda, como se estivesse congelada, e a qualquer movimento brusco, ela repuxava os lábios fechados para o canto, com se quisesse dizer: “ferrou tudo”.

Comecei a remar e o barco a princípio seguiu sereno dentro do caminho planejado. Havia imaginado um trajeto que era como um arco em direção à outra margem. Mas, sendo levados na direção do fluxo do rio, chegaríamos ao outro lado algumas centenas de metros rio abaixo.

A tranquilidade durou até alguns metros da margem. Assim que pegou uma correnteza mais forte, o barco foi golpeado e, em segundos, virou de cabeça para baixo e caímos na água muito gelada.

Eu só conseguia pensar em Carol e em como os coletes evitaram que afundássemos.

Nadamos desajeitados de volta para a margem e corri para acender uma fogueira. O tempo era nosso inimigo, já que a hipotermia mata rápido. Felizmente, consegui acender o fogo rapidamente usando um pouco do combustível - agora inútil para rodar motores, mas ainda bom para alimentar fogo - já se deteriorando dos barcos de luxo.

Tiramos nossas roupas encharcadas e nos aquecemos naquele fogo amigo e salvador. Eu estava desolado e Carol fez novamente cara de quem avisou. E, para piorar, perdemos todas as nossas coisas mais uma vez.

O que deu errado no plano? Eu calculei errado? Eu tinha planejado tudo, pensei, mas me faltava experiência. Obviamente, eu sabia que existia o empuxo da correnteza, mas subestimei-o ao tentar atravessar o rio em um caminho praticamente perpendicular ao fluxo do rio, expondo a lateral do barco com menos estabilidade à força da gravidade que levava toda aquela água inexoravelmente para o mar.

– Amanhã vamos repor nossos mantimentos, e começar a procurar uma ponte para atravessarmos esse rio - planejou Carol.

Balancei a cabeça positivamente, o que poderia falar? Fiz a besteira e ela que nos salvou. Poderíamos ter morrido de uma forma estúpida se não fossem os coletes.

Voltamos a nossa rotina: pegar mantimentos, encontrar bicicletas funcionando. Eu adorava “fazer compras” em nossa vida de classe média, mas aquilo já estava nos desgastando.

Reequipados, começamos a margear o rio em busca de uma ponte para chegar ao Uruguai. Eu estava inconformado. Atravessar uma ponte sem saber se ela é segura é muito mais arriscado que se aventurar em um bote. Se desmoronar, morreremos e pronto, sem segunda chance.

Em poucos dias, achamos uma balsa de madeira de tamanho considerável, com pneus na lateral para aumentar a flutuabilidade, atracada em um píer.

A princípio, Carol se recusou, mas com menos intensidade do que eu esperava. Eu disse que faria da maneira correta daquela vez, sem os erros primários que provocou o nosso naufrágio na tentativa anterior.



Naquele ponto o leito do Rio da Prata tinha largura um pouco menor do que no local em que tentamos atravessar.

– Se essa balsa virar no meio do rio, não vamos conseguir nadar de volta sem ter uma hipotermia no caminho, não vai ter volta - disse Carol com uma frieza inédita.

– Aqui o rio parece menos revoltado, desceremos sem enfrentar a correnteza e vamos nos aproximando lentamente da outra borda - argumentei.

– Nós também podemos pensar em uma forma de nos isolarmos da água. Como sacos plásticos grossos amarrados, por exemplo, para dificultar a água fria de chegar à nossa pele. Isso

nos daria mais tempo para nadar até a margem, caso aconteça o pior - completei.

– Você sempre pensa em tudo, Rô. Esse é o nosso maior problema - ela disse e saiu resmungando algo que não entendi.

Ela sabia que eu não iria desistir e que se não conseguisse atravessar aquela porcaria de rio, a frustração me deixaria insuportável por muito tempo.

Carol me disse durante a nossa viagem que aquilo não estava acontecendo conosco por acaso e só por isso ela não tinha desistido.

Eu acreditava que mesmo com nossas perdas estávamos enfrentando todo esse pesadelo por instinto de sobrevivência, algo que está programado em nosso DNA e que só descobrimos que existe quando sentimos que nossas vidas estão em perigo.

Nunca mais dormiríamos em barcos. Uma lareira era essencial naquela nova realidade climática, visto que as noites estavam cada vez mais frias. Por isso, nossa estadia no barco de luxo foi extremamente desconfortável.

Eu já me preocupava com o fato de que, ao chegarmos no Sudeste, não teríamos mais muitas casas com lareiras. No Rio de Janeiro, elas eram raríssimas no nível do mar.

Cortar lenha para lareiras virou também uma rotina, no começo as mãos ficaram cheias de bolhas, mas com o passar do tempo, elas começaram a se acostumar e a ficar calejadas.

Lenha não era difícil de achar em um cenário de vegetação esturricada. Apenas as árvores maiores pareciam mostrar algum tipo de recuperação e começavam a produzir novas folhas, mas não por muito tempo porque quando o inverno chegar, ele não vai mais retroceder por uma era. Tudo estaria congelado muito em breve naquele lugar.

No dia seguinte, acordamos cedo e levamos tudo para o píer. Chega de perder nossas coisas, desta vez tudo teria que dar certo.

Consegui uns remos de barco, que eu sabia que não eram ideais para balsa - que usa mais aquelas varas que tocam o fundo - mas como não tínhamos bambus a vista, os remos ao menos nos dariam alguma direção.

Colocamos tudo na balsa e amarramos para que, se começasse a balançar muito, nada “pulasse” para a água.

Nos ensacamos, colocamos os coletes e embarcamos.

Logo no começo, percebi que a balsa era grande e pesada demais para os remos e que eles pouco adiantariam. Ela parecia já saber o caminho da travessia e caminhava lentamente rio abaixo, sem sobressaltos.

Foi aí que pegamos uma correnteza um pouco maior quando chegamos no meio do rio. Meio que desesperado, tentei remar aquela enorme bolacha para fora da corrente. Foi quando o remo bateu em alguma pedra que o destruiu como se fosse um palito de picolé.

A balsa tornou-se ingovernável. Carol, congelada como sempre, apenas me olhava com os olhos arregalados. Acredito que até eu teria medo se visse a minha própria cara de pânico naquela hora.

A balsa coiceava como um potro indomado e nos segurávamos enquanto podíamos. Nossas coisas - todas amarradas - chacoalhavam, mas permaneciam na balsa.

Foi aí que lembrei do outro remo que eu tinha trazido para usar caso precisasse que Carol me ajudasse a remar um pouco, mas, como o outro foi destruído, esse serviria para o que tinha em mente.

Desamarrei o remo e usei a corda para amarrá-lo agora na parte de trás da balsa, de modo que eu conseguisse colocar a pá na água para usá-la como um leme artificial.

Minha ideia deu certo e aos poucos consegui dar rumo à balsa e, inclusive, achei um píer para ancorar na outra margem.

A travessia tinha levado aproximadamente uma hora - que pareceu uma eternidade.

Carol, ao chegar no píer, se ajoelhou e beijou o chão - como fazia o Papa João Paulo II quando chegava em um novo país.

Fiquei feliz ao ler a placa que dizia “Bienvenidos al Uruguay”. Viva o Uruguai!



## Capítulo 6 – A fragilidade da vida

Vencer o Rio da Prata recuperou minha autoestima outrora em baixa devido a tentativa frustrada de socializar com um psicopata armado e ao naufrágio na primeira tentativa de atravessar o rio.

Em ambas as situações, coloquei não só a minha vida em risco, mas também a de Carolina. É verdade que também corremos riscos agora que conseguimos, mas não eram em função de erros que poderiam ser melhor calculados.

De todo modo, estava conduzindo o que restou da nossa família até aquele momento, com percalços é verdade, mas fisicamente estávamos saudáveis. Atravessamos milhares de quilômetros por quase toda a Argentina e sobrevivemos até aqui.

Não sentia aquele orgulho próprio desde que recebi um presente inesperado de Pedro alguns anos atrás. Não era dia dos pais nem nada. A professora de artes dele pediu para as crianças desenharem um super-herói e ele desenhou um boneco com uma capa - como se fosse o Super-Homem - e no peito dele escreveu PAI. Ali eu entendi o que eu representava para ele. Pedro não tinha as habilidades da mãe com o desenho, mas sabia expressar suas emoções como ninguém.

Não sabia como estava nosso apartamento no Rio de Janeiro, mas lamentei naquele momento por não ter levado o

desenho comigo para onde fosse. Assim eu poderia usá-lo como uma dose extra de energia quando minhas pernas me faltassem.

Ultrapassar aquele obstáculo nos deu um gás maior para avançarmos com mais agilidade nos dias que se seguiram. O cenário de destruição e esterilidade permanecia o mesmo no Uruguai, mas ao menos estávamos bem mais perto do nosso país.

Estávamos subindo uma ladeira íngreme a pé empurrando as bicicletas enquanto Carol falava sobre Pedro - coisa que ela fazia o tempo todo e eu entendia que era a forma dela reagir à perda, quando então coloquei o dedo indicador nos lábios no sinal universal de silêncio.

– Está ouvindo? - perguntei, apontando para o alto da colina.

– Parece o barulho de algo sendo arrastado - apostou Carol.

– E é. Vamos descer aqui - sussurrei, e puxei-a para fora da pista. Joguei nossas coisas e bicicletas barranco abaixo e nos escondemos em uma vala aberta pelo caminho da água da chuva em um grande torrão de saibro.

A respiração de Carol estava ofegante e eu pedi para ela abafar o som com a mão.

Eram dois homens aparentemente com vinte e poucos anos. Os dois empurravam um carrinho de mão cheio do que imaginei serem suas coisas pessoais.

Quando passaram bem a nossa frente, vimos que ambos carregavam armas de fogo. Implorei silêncio a Carol.

Eles passaram sem nos perceber e, quando já estavam a uns trinta metros de onde nos escondíamos, um galho estalou bem onde estávamos.

Os homens se voltaram e olharam na nossa direção. Puxei uma faca e esperei por um possível confronto no qual eu não teria a menor chance, porém pelo menos morreria lutando.

Felizmente, o espanhol dos uruguaiois era mais compreensível para um turista como eu. Ouvi um deles falando que poderia ser o jantar deles rastejando, então o outro chamou o primeiro de tonto e disse que galhos estalam quando caem das árvores. O primeiro ainda tentou insistir, mas, para nossa sorte, o macho alfa era o que não se interessou em caçar cobras.

Ufa, que alívio. Vimos com aflição eles se distanciando lentamente.

– Carol, porque você se mexeu? Poderia ter nos matado - disse me vingando das broncas anteriores que levei.

– Mas eu não me mexi, provavelmente era uma cobra mesmo.

Rimos de nervoso. Felizmente dessa vez, além de salvar nossas peles não perdemos nossas coisas.

Depois do trauma anterior, passamos a tratar quem encontrássemos com desconfiança. Aqueles jovens poderiam ter se armado apenas para se defender, poderiam até ser pessoas de bem, mas não iríamos pagar para ver. Eu não nos colocaria em risco outra vez.

Nós sabíamos que em algum momento iríamos encontrar pessoas novamente, sobretudo agora que descobrimos que nem todos morreram no evento. Mas enquanto pudéssemos evitar, nos esconderíamos sempre que possível.

Aquela situação fez-me tomar uma decisão: nós precisávamos nos armar para nos proteger. Estávamos fragilizados e não tínhamos condições de nos defender sem munição.

– Nós vamos procurar armas, Carol. Eu sei que você não gosta da ideia, mas agora a realidade é outra. Não é só por nossas vidas. Eu temo que nos façam algum mal antes de nos matarem - disse seriamente.

– Se vamos nos armar, precisamos treinar - concordou.

Ela tinha entendido a mensagem e “virado a chavinha”. Mundo novo, regras novas. Não tínhamos mais polícia e nem tribunais para resolver disputas entre partes. Voltamos ao tempo do “cada um por si”, onde o mais forte simplesmente toma o que

quiser do mais fraco - até mesmo a vida - sem se preocupar em punição da justiça dos homens.

Conseguimos as armas no primeiro posto policial que encontramos. Treinamos um pouco, mas não muito para não chamar a atenção ou dar nossa localização e também porque não encontramos muita munição.

Já tínhamos atravessado quase todo o Uruguai quando começou outra chuva de granizo. Corremos para nos abrigar em uma loja onde um galho de árvore carbonizado atravessou a vitrine e, ao entrarmos, cortei a parte posterior da minha perna direita em um estilhaço de vidro que ficou preso na moldura da vitrine quebrada.

– Sua perna está sangrando, Rô. O que aconteceu? – disse Carol preocupada.

– Foi só um arranhão - minimizei.

– Será que não precisa dar ponto? - Insistiu ela.

– Imagina, eu já consigo parar o sangramento fazendo pressão.

Realmente o sangue estancou, e a região amanheceu dolorida no dia seguinte, mas ainda dava para seguir viagem.

– Como está essa perna? - perguntava ela a todo momento.

– Melhor que antes de me cortar - respondi brincando, para relaxar.

Já tinha tido cortes piores que aquele. Eu não deixaria nada diminuir o nosso ritmo. Naquele ponto, precisávamos acelerar. Eu me apavorava só de imaginar o solstício chegando e o enfraquecido sol se mudando para o hemisfério norte antes de chegarmos na linha do Equador. Seria o fim do jogo.

Encontramos placas anunciando que segundo meus cálculos, dentro de mais dois dias entraríamos no Brasil. Uma sensação de alívio tomou conta de mim. Era a nossa terra.

A passagem para solo brasileiro não teve nem comparação com as dificuldades que passamos para atravessar o Rio da Prata, passamos por um portal no meio da estrada, sem nem precisar molhar os sapatos.

Não teríamos mais a barreira do idioma que abria a possibilidade de desentendimentos, mas, mesmo assim, continuamos evitando seres humanos. Pelo menos até que nos sentíssemos mais seguros, ou se encontrássemos pessoas tão ou mais frágeis que nós.

– Vai ser bom ler em português novamente, e os produtos serão mais fáceis de ser encontrados porque sabemos o nome de tudo - comemorei.

– Nem tudo. Se conseguirmos chegar ao nosso destino, vamos passar por vários estados, cada um com sua cultura e seu jeito de nomear as coisas – retrucou.

– Se você não fizesse o contraponto comigo, nunca ficaria satisfeita – provoquei, rindo.

Voltamos a reduzir o ritmo da viagem. Eu sentia a perna que tinha sido cortada doer e tentava enganar com analgésicos.

– Não é melhor você tomar um antibiótico, Rô? Eu tenho medo dessa perna infeccionar – disse ela, visivelmente preocupada.

– Não é preciso. Além de não saber que antibiótico tomar e correr os riscos da automedicação, eu acho que o meu corpo está reagindo ao ferimento, por isso essa inflamação – tentei tranquilizá-la.

Eu estava mentindo para ela e para mim mesmo. Ao mesmo tempo que estava preocupado, torcia para que fosse algo que meu corpo pudesse curar sem precisar de medicamentos. Mas a cada dia que levantávamos para seguir viagem era mais difícil porque a dor só aumentava.

– Quando encontrarmos a próxima farmácia eu prometo que a gente lê algumas bulas e vê se encontra um antibiótico que sirva para casos como o meu – garanti.

Alguns quilômetros depois, eu já não aguentava mais pedalar de dor, me sentia fraco e só tinha vontade de dormir.

– Que tal pararmos mais cedo hoje? Sei que estamos no meio do período de claridade do dia, mas eu estou muito cansado – disse entregando os pontos.

Carol aproximou-se e colocou a mão na minha testa.

– Você está queimando em febre! Como deixei você chegar a esse ponto? E você não fala nada? Parece com criança com medo de tomar remédio... – lamentou.

Bastou entrarmos na casa e caí desmaiado como um galho seco.

Acordei com Carol passando um pano molhado na minha testa. A visão estava turva pelo torpor do estado entre acordado e desmaiado. Por isso, só ouvi ela me dizendo para aguentar firme que ela ia buscar remédio.

Vi a silhueta de Carol saindo pela porta e desmaiei de novo.

Carol depois disse que dormi quase 36 horas direto, em um sono surpreendentemente tranquilo. Eu só me lembro de ter sonhado com o período antes do evento, com todos vivos, - inclusive Pedro - com nossas vidas normais de sempre.

Acho que meu organismo estava me dando um momento de relaxamento e ilusão para que meu corpo pudesse se recuperar.



## Capítulo 7 – A humanidade resiste

Despertei com o sorriso de Carol na minha frente, mas quando olhei em volta e não reconheci nosso apartamento, lembrei que o sonho que tive não era realidade e que o que passamos não foi um mero pesadelo.

Vi que eu tinha um soro na minha veia.

– O que aconteceu? - Perguntei, revelando meu estado de confusão mental.

– É uma longa história, já está pronto para ouvi-la? - disse ela ainda sorrindo.

Carol me contou que saiu como uma doida atrás de remédios para mim. Ela entrou em pânico com a ideia de ficar sozinha no mundo.

Finalmente ela encontrou uma farmácia, entrou e procurou por um antibiótico que me servisse. Depois de alguns minutos ela tomou um baita susto quando viu um casal se aproximar balançando os braços para cima e para baixo pedindo para ela se acalmar.

Ela disse que puxou a arma, elevando a tensão no ambiente, quando, então, a mulher tomou a iniciativa de propor paz:

– Tudo bem, não somos uma ameaça. Quando você entrou nos escondemos porque não sabíamos se você queria encrenca, mas vimos que você está realmente perturbada, tem alguém doente? - disse Raquel, uma enfermeira gaúcha que era um anjo enviado do céu, segundo Carol.

Raquel estava acompanhada do marido, Júlio, um capixaba da Guarda de Segurança Nacional que fora enviado para o Rio Grande do Sul para uma missão. Aí então eles se conheceram, se apaixonaram e ele resolveu pedir transferência definitiva para lá.

Tinham duas filhas que também morreram no evento e eles não saíram até agora de lá porque não conseguiam se separar delas.

O drama familiar era comum às duas famílias, tínhamos as mesmas cicatrizes de um acontecimento maldito que não deu a menor chance para as criaturas mais frágeis como as crianças.

Raquel me salvou. Carol, mesmo lendo as bulas, ia me levar um medicamento inócuo e eu certamente morreria de septicemia em alguns dias. Raquel sabia por experiência profissional qual era o antibiótico correto para o tipo de lesão que eu tive e o tipo de infecção que provavelmente me afetava.

Ela levava um kit na bolsa que fazia a tipagem sanguínea. Nem eu nem Carol lembrávamos qual tipo de sangue tínhamos e nossos documentos tinham desaparecido desde a primeira vez que abandonamos nossas coisas na Argentina.

O sangue de Júlio era de doador universal e ele ficou de prontidão, caso eu precisasse durante o tempo que estava me recuperando. Felizmente eu não precisei.

– Em condições normais, você nem teria infecção, mas acontece que estamos levando nosso organismo a condições extremas, com pouco sono e alimentação pobre que passa longe das necessidades dos nossos organismos. Isso enfraquece nosso sistema imunológico e ficamos expostos a esse tipo de infecção oportunista - explicou Raquel com detalhes.

– Tomem uma dessas uma vez ao dia - aconselhou Raquel atirando para Carol pegar no ar um frasco com pílulas de vitaminas de A a Z. – Vai fortalecer seus organismos – completou.

Nós quatro nos afeiçoamos imediatamente. Estávamos todos carentes de novas amizades e com muita vontade de conversar e ouvir as histórias uns dos outros.

Precisávamos convencer nossos novos amigos a nos acompanhar rumo ao norte assim que eu estivesse totalmente recuperado.

Nós também tivemos que tomar a triste decisão de deixar o corpo do nosso filho para trás, e eu usaria com eles os mesmos argumentos que usei para convencer Carol. O de que a maior homenagem que poderiam prestar às filhas deles é se manterem vivos enquanto puderem.

– Tem certeza que não podemos sobreviver ficando por aqui? – perguntou Júlio.

– Vocês façam o cálculo, se o Rio Grande do Sul já tem inverno rigoroso com o sol em seu estado normal, imaginem no estado atual já que nem consegue mais iluminar o dia direito. Eu acho que só existe esperança de vida se estivermos nas regiões de onde o sol está mais próximo - alertei.

Além de entenderem nossa argumentação, Raquel e Júlio também resolveram que não queriam mais ficar isolados no meio do nada, sujeitos a ação de sobreviventes hostis.

Demos o tempo que eles precisavam para se despedir das filhas. Dividimos com eles aquele momento de sofrimento lembrando de onde tínhamos deixado nosso filho. A dor nos unia ainda mais.

Nós nos completávamos. Além da companhia, eles dividiam conosco as tarefas e ajudavam nos revezamentos para ficar de vigia. Assim, manteríamos um nível de segurança aceitável e dormiríamos mais e mais tranquilos.

Logo estávamos novamente na estrada, agora mais seguros com quatro pessoas armadas andando juntas. Os hostis que não se aproximassem, pois iriam ter que enfrentar nosso grupo, ainda mais agora que Júlio, que era profissional, nos dava dicas no treinamento de tiro.

Em pouco tempo eles nos convenceram que não poderíamos abrir mão da ingestão de carne mais fresca, pois

aquele tipo de proteína era fundamental para a vida que agora levávamos.

Eles explicaram que sobreviveram mais animais que imaginamos, sobretudo os que fazem tocas embaixo da terra como tatus, cobras e coelhos, e que nem se quiséssemos conseguiríamos extinguir as espécies.

Eu prometi a Carol que caçaria por nós dois e ela não precisaria matar bicho nenhum. Eu e Júlio caçávamos e cortávamos lenha. Nós éramos produto de uma sociedade machista que dividia tarefas por gênero, e, mesmo com o fim da civilização moderna, continuamos a agir da mesma forma.

Em uma noite rara de céu aberto eu observei algo que me deixou intrigado, Vênus e Júpiter estavam no céu. Mesmo que refletindo menos luz do nosso sol, dava para perceber com clareza pelas suas magnitudes.

O que me intrigou foi que Júpiter parecia bem maior do que costumava ser e em comparação a Vênus - que mesmo sendo menor, por estar mais perto da terra sempre nos parecia maior no céu – tornava-se bastante perceptível.

– Júpiter está maior que Vênus? - perguntei intrigado.

– O maior deve ser Vênus – ponderou Raquel.

– Eu não tenho mais meu aplicativo que monitora o céu, mas vejam, Vênus é que segue o sol, portanto, é o planeta que

está mais próximo do horizonte, que é o menor, e o maior está praticamente no Zenith.

– Não pode ser uma estrela que você está confundindo com Júpiter, Rô? - desdenhou Carol.

– Não existe estrela dessa magnitude – comprei brigando uma de sabichão.

Carol conseguiu embaralhar tudo, ninguém me levou a sério. Seria uma miragem?

As duas riram como se dissessem uma a outra por telepatia que eu era e sempre fui exagerado.

Eu não me importei muito. Carol sabia que eu tinha razão. Ela estava só me avisando sutilmente que eu estava assustando nossos amigos.

Na realidade inimaginável que estávamos vivendo, aquela observação era apenas mais uma bizarrice. Só faltava agora Marte se transformar em satélite desse novo Júpiter vitaminado para completar essa chacoalhada tomada pelo sistema solar.

Mesmo com todo aquele pesadelo que estávamos enfrentando, dava para aproveitar as circunstâncias para, no meio de todo caos, apreciar momentos raros da grandiosidade do universo.

Nós adorávamos observar fenômenos astronômicos e estávamos ali diante do céu mais incrível que vimos até aquele

momento. Com a queda da iluminação elétrica, acabou a poluição luminosa que ofuscava a observação das constelações, sobretudo de quem morava em grandes centros urbanos. A via láctea parecia um grande pão doce polvilhado de açúcar refinado.

Com o grupo fortalecido, nos locomovíamos mais rapidamente. Em menos tempo do que planejamos já estávamos em São Paulo. Mesmo assim precisávamos correr o inverno chegaria em menos de três meses. Carol mantinha um calendário que atualizava diariamente. Já estávamos há oito meses na estrada.

Quatro bicicletas cruzando o país ainda desviando de quaisquer sinais de vida humana. Percebemos que os animais também migravam para o norte. Vimos até pássaros.

Não sei se esse planeta vai virar uma grande bola de gelo estéril, mas a vida vai lutar para se adaptar às novas condições ambientais.

Mesmo se a raça humana for extinta, pode ser que algumas espécies resistam, ainda que apenas nas profundezas do oceano ao redor de fontes termais, sobrevivendo pelo calor emanado do centro do planeta.

A natureza não parava de nos pregar peças. Estávamos pedalando pelo interior de São Paulo quando Júlio percebeu com surpresa algo que despencava do céu:

– Gente, isso é neve? – perguntou estarrecido.

Sim, era neve e o tempo não melhoraria mais dali para frente. Viajávamos todos os dias sob tempestade de neve, que iam se acumulando nas estradas.

Como ninguém recolhia, primeiro porque ninguém jamais esperaria haver neve naquele lugar e não tinham equipamentos, e segundo porque não existia mais poder público ou pessoal de apoio, começou a se tornar intrafegável.

Tentamos adaptar correntes nos pneus da bicicleta, mas era inútil, a camada de neve era muito grossa e as rodas afundavam.



Ter que abandonar as bicicletas no caminho e seguir a pé foi um balde água fria. Iríamos demorar um tempo bem maior para chegar no destino uma vez que não conseguiríamos cobrir a pé a mesma distância diária que cobríamos de bicicleta.

As noites eram tão frias que não era possível dormir sem ajuda do fogo. As casas com lareira rareavam. A nossa sorte era que no interior existiam ainda muitos fogões a lenha, os quais usávamos tanto para fazer comida quanto para nos aquecer.

Se não tinha nem um nem outro, fazíamos fogueiras fora das casas que escolhíamos para dormir e colocávamos várias pedras dentro. Quando entrávamos, levávamos as pedras para dentro com a ajuda de pás e colocávamos em volta das nossas camas para nos aquecer.

A caça ficou escassa novamente, os animais estavam migrando mais rápido fugindo de toda aquela neve. Eu evitava falar na frente das mulheres, mas com Júlio eu era mais franco quanto a toda a minha falta de crença em um futuro para nós.

Começou a crescer entre nós, mesmo que não falássemos abertamente sobre isso, um sentimento de que todo aquele esforço era inútil, a natureza dava sinais cada vez mais impressionantes de que o planeta não voltaria a ser o mesmo.

Isso ficou mais claro ainda quando, ao descer de uma pequena serra, conseguimos ver o litoral no sul do estado do Rio de Janeiro. O mar tinha entrado alguns metros.



Tinha acontecido o inverso do que os cientistas previram. Se a calota polar derretesse, eles diziam que o nível do mar subiria, mas, como as calotas polares estavam aumentando, o nível dos oceanos recuava. Era aterrorizante ver aquilo.

## Capítulo 8 – Pesadelo sem fim

Mesmo com o planeta empenhado em tornar nossa vida a cada dia mais difícil, conseguíamos avançar. Carol insistiu para que passássemos pelo nosso apartamento no Rio para pegar lembranças de Pedro. Não resisti porque também queria o desenho do pai super-herói.

Eu me preocupava de ter que entrar em construções de mais de um pavimento da mesma forma que evitava grandes pontes. A gente não sabia até que ponto o evento comprometeu estruturas de grandes construções.

A breve passagem pelo nosso prédio foi bastante estressante.

– Pessoal, eu também gostaria de passar na casa da minha mãe em Serra, Espírito Santo. Não tenho esperanças de encontrá-la com vida, mas pelo menos eu posso dar a ela um enterro, se eu conseguir encontrá-la - pediu Júlio, tocado.

– Enquanto não chegarmos lá, sempre há esperança - disse Carol tentando animá-lo.

– Eu também acredito nisso - reforçou Raquel.

Ao chegarmos na casa da mãe de Júlio, quebramos a janela e o cheiro que veio lá de dentro previa que as notícias não seriam boas.

– Vocês ficam aqui - sentenciou Júlio. – Agora é só comigo.

Meia hora depois, Júlio saiu com o corpo da mãe morta, envolto em um edredom que trazia nos braços. Ele não aceitou minha ajuda para cavar a sepultura. Respeitei o espaço dele.

Sepultamos a mãe de Júlio. Aquele era o quarto sepultamento improvisado que fizemos desde o dia do evento. Parecíamos estar nos tornando gelados emocionalmente conforme a temperatura ambiente ia abaixando. Já não tínhamos mais lágrimas para chorar.

Chegamos à Bahia resignados, a tempestade de neve deu uma folga, mas a temperatura muito baixa e as estradas cheias de neve não combinavam com aquele estado. Qualquer raiozinho do combalido sol era festejado.

Certa tarde em uma cidade do sul da Bahia, conseguimos uma boa casa para passar a noite. Eu e Júlio saímos para cortar lenha e tentar caçar alguma coisa porque já não comíamos carne fresca desde o Paraná.

Nada de caça. Voltamos com a lenha para aquecer a noite fria que se aproximava. Quando nos aproximamos, vimos a porta aberta. Aquilo era estranho já que-sempre deixávamos a porta trancada, com medo de visitantes hostis.

Entramos sem fazer barulho, com nossas armas engatilhadas. Ao passarmos na porta de um dos quartos, vimos uma cena aterrorizante.

Tinham dois homens. Um deles ria alto enquanto o outro abusava do corpo desfalecido de Raquel. Júlio surtou, matou os dois homens com tiros únicos e certeiros na testa, bem entre os olhos e desmoronou ao lado do corpo de Raquel.

Depois de me recuperar dos estampidos que tiraram a minha consciência, pulei sobre Raquel e comecei a fazer massagem cardíaca nela. Era inútil. Ela já estava morta há algum tempo, estrangulada por aqueles monstros que Júlio acabara de dar cabo.

– Carol! - gritei desesperado.

Fui de cômodo em cômodo esperando não achar o corpo de Carol do mesmo jeito que encontramos Raquel. O desespero daqueles momentos parecia interminável.

Até que ouvi a voz de Carol:

– O que aconteceu? - disse ela entrando correndo na casa.  
– Meu Deus, não! - se desesperou quando percebeu o que acontecera.

Carol tinha saído para procurar uma farmácia. Uma dor de cabeça a salvara. Quando ela ouviu os tiros que Júlio disparou, ela voltou correndo.

Eu estava em choque. Sentia um misto de horror pelas mortes e alívio por Carol não ter o mesmo destino.

Entrei em pânico. Se Carol ouviu o tiro isso pode chamar ter chamado a atenção do grupo desses caras. E se estivessem vindo para cá?

Eu fui na direção de Júlio, precisava convencê-lo a seguir em frente e apressarmos a nossa partida. Mesmo que tivéssemos que andar durante a noite fria, precisávamos encontrar outro lugar longe dali para dormir.

Quando cheguei, Júlio estava arrasado ajoelhado ao lado do corpo de Raquel.

– Minha vida acabou aqui, perder minhas duas filhas já foi como se tivesse sido mutilado da metade do meu corpo. Sem Raquel a vida não tem mais sentido. Eu adoro vocês, mas não podem me obrigar a continuar lutando, Continuem o seu caminho que fico por aqui – sentenciou Júlio.

Aterrorizado, percebi que não tinha nada a dizer para dar alguma razão de vida àquele homem sofrido. Pensei em Carol, ela com sua espiritualidade, provavelmente saberia o que dizer. Disse para ele esperar, que eu já voltaria.

Fui até Carol, que chorava na janela vigiando se alguém do grupo dos assassinos se aproximava. Quando comecei a contar a ela a decisão de Júlio, ouvimos outro estampido.

Levei as mãos à cabeça prevendo o desfecho. Corremos até o quarto e não tivemos nenhuma surpresa, Júlio estava caído sobre o corpo de Raquel e seus miolos e sangue pintavam as paredes e teto.

Decidimos que enterraríamos dignamente nossos breves, mas intensos amigos. Que se dane se os aliados desses animais que fizeram essa barbaridade com Raquel aparecessem, morreríamos por um bom motivo.

Enterramos os dois e ninguém apareceu. Talvez fossem apenas os dois, ou então seu grupo estava muito distante para ouvir os tiros. Obviamente não conseguimos dormir mais ali e procuramos uma casa vizinha para passar a noite.

Carol mal falou nos dias seguintes. Estávamos sobrevivendo, mas sofrendo tantos golpes e revezes que já achávamos que estar vivos seria um tipo de pena divina para Carol ou do universo para mim.

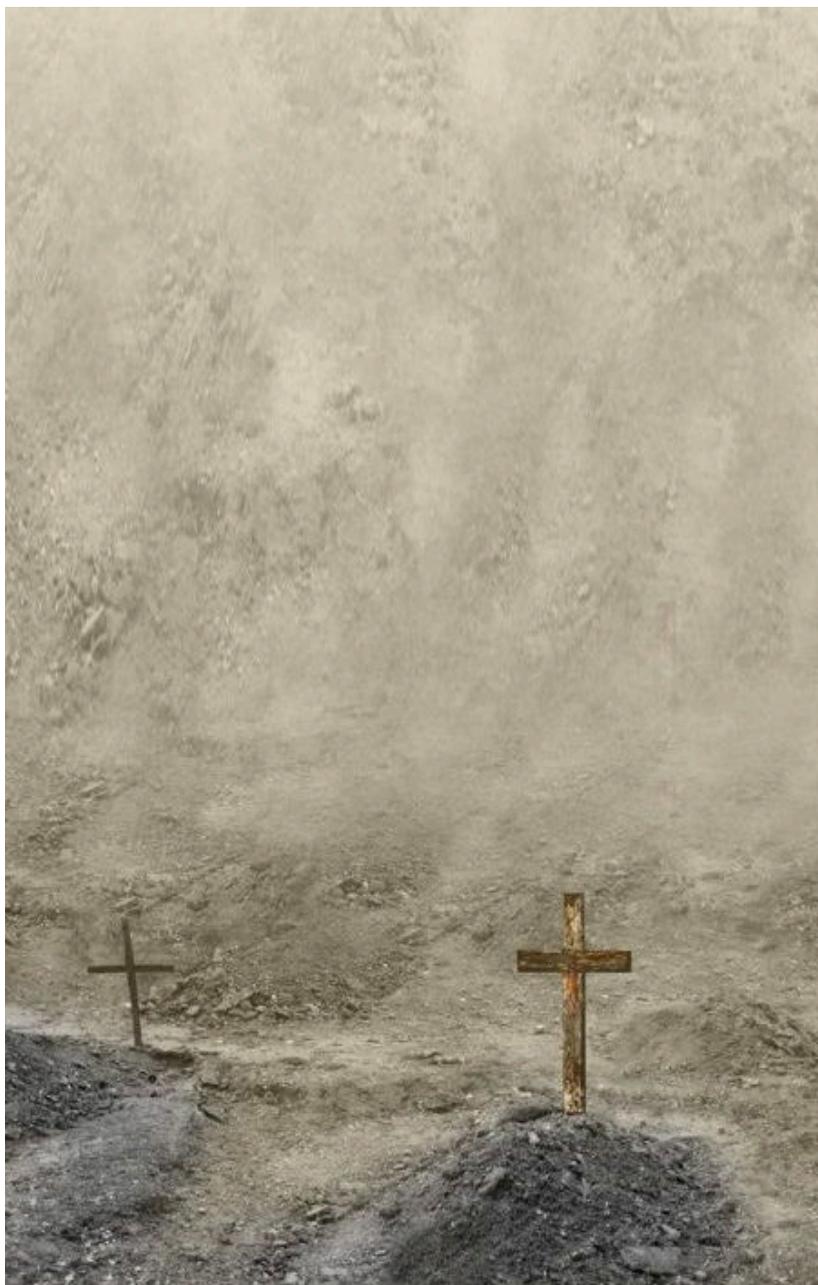
Como lidar com tantas perdas sucessivas em tão pouco tempo sem nenhum tipo de terapia ou medicação?

Sim, perdemos até nossa enfermeira e seus conhecimentos sobre medicamentos - que iríamos precisar.

Que mundo insano era aquele em que o sol exterminou 99% da população humana e os 1% que restou estava enlouquecido tentando se autodestruir?

Isso só poderia ser um plano diabólico arquitetado pela natureza para varrer a raça humana do planeta e vingar todo o mal que causamos a este.

Nós éramos uma praga sendo exterminada, não podia restar vestígio do DNA.



– Não vou ficar esperando a morte chegar. Se chegamos até aqui, vamos até o final – disse Carol me surpreendendo.

Partiu dela nos manter no nosso caminho. Ela tinha entendido melhor a morte de Pedro, não queria esse mundo para o nosso filho.

– O sofrimento dele foi muito curto. Ele viveu seus oito anos com muito amor dos pais. Nós estamos vivendo esse inferno, ele foi poupado – falava tentando me convencer de que ele estava em um lugar melhor.

Aquele cenário não serviu para que mudássemos antigas convicções filosóficas e religiosas. Carol se apegava mais em suas crenças e eu ficava ainda mais cético.

– Não aceito essa coisa dele ser poupado. Poupado? E nós, o que fizemos para ter essa punição? O meu ceticismo? Deus está me punindo por não acreditar nele?

Depois eu me arrependi de ter dito aquelas coisas para Carol, sobretudo em um momento de desesperança como aquele. Pedi desculpas. Ela era minha razão de estar vivo. Faria o mesmo que Júlio se a perdesse.

Conforme seguíamos rumo ao norte adentrando a região nordeste, a neve foi diminuindo até chegar a lugares que ainda não tinha nevado. Estava frio, mas não tinha neve - o que nos possibilitou voltar a usar bicicletas, acelerando nosso progresso.

Dez meses se passaram desde o evento, mas a natureza ainda não tinha se recuperado. Os raros dias de sol fraco não eram suficientes para ressuscitar o verde.

Cinza e frio. Esta era a nova cara do planeta terra. Silêncio, sombra e escuridão. Um mundo sem o som de crianças brincando.

Voltamos a ficar paranoicos, fugindo de qualquer sinal de vida humana. E isso valia tanto para os hostis quanto para os generosos como Júlio e Raquel.

De que valia nos apegarmos as pessoas que logo perderíamos nesse mundo louco? Seríamos apenas nós dois tentando sobreviver.

Isso significaria nunca mais deixar um ao outro sozinho, em nenhuma circunstância, nem por nenhum momento. Revezaríamos no sono para fazer vigia e viajaríamos o resto do tempo.

– Eu sei que está difícil, mas temos que apoiar um ao outro e encontrar forças. Que as mortes de Pedro e nossos novos amigos não tenham sido em vão - disse para Carol quando percebi que ela demonstrou cansaço.

– Você já sabe para onde vamos exatamente? - perguntou ela.

– Não sei ao certo. Onde pudermos nos assentar o mais próximo possível da linha do Equador. Aqui no Brasil, acho que

ela passa pelo Macapá, no Amapá. Acho que teremos de viver no meio da Floresta Amazônica – defini.

Essa última informação em nada animou Carol. Ela sempre considerou um programa de índio ir para fazendas. Refutava qualquer possibilidade de morarmos em um sítio, dizia que jamais viveria no meio do mato. Agora eu dizia para ela que teríamos que viver na Floresta Amazônica.

Havíamos chegado à Fortaleza e a nossa viagem chegava a reta final, era só seguir a bússola rumo a Noroeste, atravessar os estados do Ceará, Piauí, Maranhão e o Pará e chegaríamos ao Amapá.

Se pensássemos que atravessaríamos três estados e meio, poderíamos até achar que era muito, mas estávamos viajando praticamente desde o polo sul rumo ao norte do continente. Então sim, era a reta final.

## Capítulo 9 – Fraternidade

Desviar de vestígios de sobreviventes estava nos atrasando à medida que deixávamos de seguir pelo caminho mais curto, contudo nos sentíamos mais seguros daquela forma. No entanto, nem sempre conseguíamos perceber essas evidências e corríamos alguns riscos, foi assim que aquela dupla de homens armados quase nos encontrou no Uruguai.

Em um desses dias onde sinais não foram percebidos, nós estávamos entrando em uma cidade quando algo surgiu da varanda de uma casa, nos assustando. Como um reflexo, puxei a minha arma.

– Rô, é só uma criança - alertou Carol para que eu não atirasse devido ao susto.

– Ajudem minha mamãe - disse a menininha com os olhos marejados.

– Onde ela está? - perguntou Carol

– Pode ser uma cilada – desconfiei.

– Não viaja, ela é só uma criança – disse Carol me cortando.

A menina nos levou até a mãe, que estava deitada já muito doente na casa de onde ela saiu.

Joana teve uma infecção nas pernas que teve início após uma hipotermia, a qual agravou-se por ela não ter tido atendimento médico.

Elas vinham rumando para o norte para encontrar uma suposta comunidade de sobreviventes criada na Amazônia chamada Aquarius.

Quem avisou a ela foi um dos habitantes da colônia e, segundo o relato de Joana, ele e outros espalhados tinham sido enviados para procurar sobreviventes de bem que pudessem ser convidados para fazer parte da comunidade.

Elas inclusive receberam até um mapa do homem, que depois seguiu o seu caminho para procurar novos sobreviventes. Como a infecção foi piorando, elas haviam interrompido a viagem,

Carol saiu para procurar medicamentos para Joana. Felizmente, Raquel deu algumas dicas a ela sobre os antibióticos ideais para cada tipo de infecção, como achar vasos sanguíneos para aplicar um soro ou medicamento e outras tarefas mais básicas de pronto socorro.

A intenção de Carol era a melhor, mas eu e Joana compartilhávamos a opinião de que talvez fosse tarde demais para ela.

– Você tem que prometer que vai cuidar da minha filha Fernanda. Ela ainda nem completou seis anos, não tenho com

quem deixá-la, Te peço pelo amor de Deus - suplicou Joana, chorando.

– Você vai ficar bem, mas prometo que se algo te acontecer, vamos cuidar dela como se fosse o filho que perdemos há menos de um ano – prometeu Carol

Carol voltou. Medicamos Joana, fizemos de tudo que podíamos, cuidamos dela por três dias, mas ela não resistiu e morreu.

Se já era difícil para nós adultos que deveríamos saber lidar com a morte e aceitar nossas perdas, como deveria estar se sentindo Fernanda com a mãe morta e tendo que confiar em dois estranhos?

Enterramos Joana e partimos. Naquele momento, me ocorreu uma dúvida existencial: afinal, nós, seres humanos, merecemos mesmo sermos varridos da terra pela nossa capacidade de destruição e autodestruição ou o nosso lado fraternal que, mesmo correndo riscos, somos capazes de praticar atos para salvar outros seres humanos ou animais - como o que fez Raquel salvar a minha vida e Carol para tentar salvar Joana - era superior a isso?

Fernanda estava magra e fraca. Elas passaram frio e fome por dias quando Joana ficou acamada e não conseguia procurar comida ou cortar lenha.

Carol disse a ela que jamais substituiria sua mãe, mas que cuidaria dela como se fosse sua filha, que não deixaríamos que lhe faltasse nada e lhe protegeríamos dos perigos deste mundo.

Para Carol, aquele acontecimento era mais uma prova de que as nossas vidas se cruzam por algum motivo além da nossa compreensão, e de que o roteiro já estaria escrito e apenas desempenhamos nosso papel. Já eu, minhas dúvidas e questionamentos apenas aumentavam a cada dia.

Acho que as mulheres têm um tipo de chama invisível da maternidade. Essa chama tinha enfraquecido em Carol, mas a partir do momento que Fernanda apareceu, ela ressurgiu. Carol parecia mais forte para proteger Fernanda e o seu desânimo em virtude das perdas recentes tinha praticamente desaparecido.

– Vamos para Aquarius, Rô. Nós recebemos uma segunda chance. Veja bem, Deus não teria colocado Fernanda no nosso caminho se fosse para todos morrermos congelados - disse Carol tentando agarrar-se a todo custo a qualquer fio de esperança que alcançasse.

Eu apenas sorri. Estava dividido em dois: o realista interno que via todo aquele esforço para tentar nos salvar como inútil frente a escalada de piora das condições atmosféricas, prevendo um futuro estéril para o planeta, e o otimista externo que não poderia desanimar sua família dizendo o que pensa de verdade.

Ao menos tínhamos um mapa que nos orientaria no caminho. Temia que essa história de comunidade fosse algum tipo de armadilha. E se fossem canibais?

Não falei nada sobre minhas suspeitas, não tinha o direito de acabar com as esperanças renovadas de Carol e Fernanda da possibilidade de terem um futuro. Torci para que estivesse errado, mas ficaria ainda mais alerta e desconfiado.

Fernanda quase não falava. Ainda traumatizada pela morte da mãe, ela se agarrou a Carol e desde que acordavam não se desgrudavam. A voz de uma criança era importante para quebrar aquele clima de fim do mundo, mas ela quieta o tempo todo não ajudava muito nesse sentido.

Se a presença de Fernanda nos renovara as esperanças, também aumentava a minha preocupação. Voltamos a ser um grupo frágil, com Carol cuidando diretamente dela, abandonou a arma para não assustar ainda mais a criança. Sobrava apenas para mim a responsabilidade da segurança da nossa família.

Poderíamos até ensinar Fernanda a andar de bicicleta, mas não poderíamos fazer uma criança de 5 anos de idade pedalar dezenas de quilômetros por dia como fazíamos. Seria desumano.

Em razão disso, precisei adaptar uma cadeira na bicicleta de Carol. Enquanto ela carregava a menina, eu ficava com todas as nossas coisas.

Felizmente, em uma de nossas “compras” eu consegui encontrar uma daquelas mochilas de montanhistas que cabem tudo e tinha como prender à minha bicicleta.

Entre os nossos novos equipamentos, estava um rifle de precisão com o qual eu estava aprendendo a atirar.

Aqueles eram novos tempos e eu estava decidido de que minha família não teria o mesmo destino que a de Júlio e Raquel.

Procurava por lugares altos para saber bem por onde estávamos indo e garantir que não encontraríamos surpresas desagradáveis no caminho.

Chegávamos aos limites da Amazônia legal e o cenário não mudava. Na beira das estradas havia uma vasta área de mata nativa carbonizada até onde os olhos podiam acompanhar.

– Será que sobrou algo da Floresta Amazônica? Se não sobrou nada, o que vamos respirar? - perguntei, rompendo o silêncio auto imposto ao meu ceticismo.

– Em Aquarius, Rô. Joana disse que existe verde lá. E eu acredito. Eu tenho que acreditar – respondeu decidida.

Víamos cada vez mais pássaros migrando e animais vivos e essa era a uma boa notícia. Mesmo não tendo uma mente com capacidade cognitiva, animais são dotados de alguns sensores naturais que os guiam em situações catastróficas. Provavelmente por isso estávamos vendo mais animais vivos que sobreviventes humanos.

Enquanto não encontrávamos sobreviventes agressivos, o rifle estava servindo para a caça. Estávamos vivendo quase como nossos antepassados no período anterior à civilização moderna. Com a diferença de que eles não tinham bicicletas nem as ferramentas que temos hoje.

Estando no mesmo lugar dos nossos antepassados, eu via que o ser humano se fragilizou com a evolução da humanidade - que foi tornando nossa vida cada vez mais fácil, sem precisarmos lutar por ela no dia a dia.

Se sobrevivermos, vamos ter que reaprender as nossas habilidades que foram perdidas na evolução do nosso DNA através das sucessivas gerações.

Ao chegar ao estado do Pará, começaram as chuvas constantes. Já chovia há dez dias, com curtos períodos de estiagem.

A situação das regiões mais baixas começou a ficar complicada, com grandes alagamentos que dificultavam nossa locomoção.

Passamos a escolher caminhos que passavam por cidades mais altas para fugir dos alagamentos. Frio e chuva tornavam nossos deslocamentos um suplício.

Descendo uma pequena serra, peguei o binóculo para tentar avistar uma movimentação que parecia haver alguns quilômetros à frente.



Era uma mulher. Não, era uma senhora, nos seus sessenta e poucos anos. Empurrava com dificuldade um carrinho de compras que se encontram em supermercados.

– Será que ela também está indo para Aquarius? - supôs Carol.

– Você pode perguntar diretamente para ela. No ritmo que anda, em pouco tempo a alcançamos – respondi.

Conforme avançávamos serra abaixo, acompanhávamos o trajeto daquela senhora.

– Ai meu Deus, não é possível! - Se assustou-se Carol

– O que houve? - perguntei.

– Olha lá no final da estrada - alertou ela.

Duas pessoas vinham na direção contrária e cruzariam com aquela senhora. Peguei o binóculo para tentar identificar melhor.

– Olha, é um casal. Não parecem ser hostis – disse tentando amenizar a tensão.

Quando a senhora percebeu, já não dava mais para se esconder. Entretanto, vimos que ela se assustou ao avistar o contato iminente.

Nós já estávamos mais perto - a uns trezentos, talvez quatrocentos metros de distância - quando paramos para assistir ao encontro.

– O casal está sorrindo ao falar, são amistosos – defini prematuramente.

No entanto, a cena se alterou. A senhora estendeu as palmas das mãos para frente e deu dois passos para trás, em um claro sinal, para que o casal não se aproximasse.

A mulher do casal puxou uma faca, e a colocou entre os dentes e foi caminhando lentamente na direção da senhora, cuja reação foi ficar paralisada de medo. O homem continuava sorrindo.

Engatilhei o rifle e me posicionei para atirar. Estava longe demais para acertar, mas eu só queria assustar de qualquer maneira.

– Atira nesses desgraçados - desabafou Carol furiosa, mas antes tapando os ouvidos de Fernanda.

Dei o primeiro tiro. Acertei a poça d’água ao lado do homem sádico, que parou de sorrir rapidamente. Sem entender o que tinha acontecido, eles olharam em volta tentando saber de onde vinha o tiro.

Atirei novamente, passando, dessa vez, perto da dona “faca nos dentes”. Não deu outra. Eles correram para fora da estrada no meio da floresta devastada enquanto a senhora apenas se abaixou para se proteger.

Carol vibrou.

– De novo não - sentenciei.

Descemos para encontrar a senhora que agora estava sentada à beira da estrada. A faca, os tiros, tudo aquilo deve ter sido muito intenso para ela. Só faltava termos salvo a idosa para ela morrer do coração em seguida.

Naquele momento, eu sorri.

– Eu conheço esse sorriso – desconfiou Carol.

– Não percebeu como esse episódio foi bem parecido com o que aconteceu com o argentino atirador louco? A

diferença é que não atacávamos ninguém e tentávamos demonstrar não sermos violentos, mas agora eu confirmei a desconfiança de que ele realmente não tentou nos acertar, pois se quisesse ele conseguiria. Só estava querendo nos assustar, provavelmente porque estava com medo também – disse.

– Tá bom, doutor psicólogo - debochou ela.

Em praticamente um mês, foram derrubadas duas certezas minhas em relação ao evento: as crianças e os idosos também tinham resistido e sobrevivido ao evento.

Quanto mais conheço menos entendo. Com tantas variáveis, era melhor eu deixar de lado minha pretensão de querer entender como tudo funciona.

Chegamos até a senhora, que parecia se recuperar. Ela se assustou novamente e fomos logo falando que não éramos como aquelas pessoas e que tínhamos sido nós a atirar.

Emília sorriu aliviada e nos agradeceu de forma comovida - até caiu no choro. Há muito não falava com ninguém. Ela vinha do Tocantins e tinha sido a única a sobreviver na sua família.

Apesar da idade avançada, Emília era uma mulher forte, nascida no sertão nordestino e acostumada ao trabalho braçal. Passou aperto durante toda a vida.

Foi para Tocantins no final do século XX, fugindo da fome que se espalhava na região muito empobrecida. No início

do século XXI, o Nordeste saiu da miséria extrema, mas Emília já tinha assentado sua família no Tocantins.

Mesmo com 63 anos, ela mesma cortava sua lenha. Contudo não podia lutar contra um casal jovem carregando uma faca.

Ela também foi avisada sobre Aquarius e se dirigia para lá. Carol convidou-a para fazer parte do grupo.



## Capítulo 10 – Fim ou recomeço?

Agora faltava pouco. Em breve sairíamos da estrada. No caminho cruzamos vários rios da hidrografia local.

Felizmente, aquela travessia conturbada do Rio da Prata me deu a experiência necessária para atravessar rios - caudalosos ou não.

A notícia era boa: apesar do tempo não melhorar, conforme avançávamos entramos em áreas onde a vegetação não foi totalmente destruída. O verde se intercalava com o cinza.

Emília estava feliz com a bicicleta que conseguimos para ela, mas diminuímos o ritmo. Ela disse que se tivesse pensado nisso não teria passado tanto tempo na estrada empurrando aquele carrinho.

Confesso que depois de atravessar todo o continente, o que mais queria naquele momento era um lugar para me fixar e não ter que pedalar por muito tempo.

Eu estava grato àquelas bicicletas por terem nos levado por tantos e tantos quilômetros, mas tinha acumulado bolhas e calos, além de algumas escoriações por eventuais pequenas quedas.

Eu sentia falta do meu automóvel de luxo com direção elétrica assistida, câmbio automático, aquecedor que me

deixaria suando naquele frio e todo o conforto que o dinheiro poderia pagar.

Lembrei-me que àquela hora do dia, eu provavelmente estaria em um escritório gelado comprando e vendendo ações para os meus clientes, a menos que fosse no final de semana – o uso dos dias da semana tornou-se completamente obsoleto naquela realidade.

Da última vez que me olhei no espelho, em nada parecia com o operador barbeado com ternos alinhados que eu costumava ser ao sair de casa para trabalhar. Pelo contrário, eu estava parecendo um tipo de lenhador encapotado com roupas de frio. Barba longa e cabelos compridos. Esse era o meu novo visual, mais ajustado a minha nova vida.

Além de meu visual impecável eu era um homem digital do século XXI e Carol sempre implicava comigo chamando-me de Geek. Eu preferia ser chamado de Nerd, expressão mais ambientada na época das séries antigas que costumava a ver pela internet.

– Olha lá, tio - chamou minha atenção Fernanda com inédita empolgação.

Olhei para onde Fernanda apontava.

– É um cachorro, que legal ver um cachorro - disse rindo.

– Chama ele, tio – pediu Fernanda.

– Vem cá, garoto, vem – chamei.

O cachorro, um vira-latas de porte médio bem cuidado, procurava comida. Aparentemente não estava passando fome. Quando o chamei e tentei me aproximar, ele fugiu até sumir de vista.

Tomando como base alguns dos sobreviventes que encontramos, eu entendi bem o pavor que aquele animal deve ter sentido de nós.

– Por que o Garoto fugiu, tio? - perguntou ela choramingando e já batizando o cão.

– Nem todas as pessoas são legais, e ele não sabe se somos os caras legais ou os caras malvados.

– Nós somos os caras legais né, tio? - insistiu curiosa.

– Sim, querida. Somos os caras legais – confirmei rindo.

Durante o resto do dia, Fernanda ficou olhando para os lados na esperança de achar Garoto novamente.

Tínhamos chegado próximo de onde o mapa apontava ser o local que pegaríamos uma trilha a qual percorreríamos durante dias para chegar a Aquarius.

Precisávamos dormir aquela noite e na manhã seguinte partiríamos pela trilha. Aquela seria a última noite que dormiríamos sob um teto até chegar à comunidade, então tínhamos que aproveitar as horas de descanso e sono.

Eu tinha me preparado para esse dia. Consegui uma barraca de camping grande na última cidade grande que passamos. Teríamos que dormir todos dentro dela quando estivéssemos na trilha.

Procurei por um local mais próximo possível da entrada da trilha e achei uma cabana de madeira. Seria bom para nos ambientarmos a dormir em uma barraca.

Eu estava fazendo minha vigília, todas as três dormiam. Como ainda estava cansado, eu cochilei sentado na cadeira ao lado da janela.

Fui acordado bruscamente por um latido nervoso e insistente de cachorro. Quando levantei, vi que do lado de fora, parada em frente à janela que eu tomava conta, uma onça de uns 70 quilos.

Quando dei de cara com ela, congelei. Ela mostrou toda a amplitude de sua arcada dentária para mim. Pensei em pegar a arma ao lado da cadeira, mas temi que o movimento brusco fizesse ela pular em cima de mim.

Nesse instante, eu vi um vulto que se chocou com ela. Era o Garoto. Os dois rolaram com o impacto e a onça, para minha surpresa, não quis saber de enfrentamento e fugiu em disparada.



Garoto, sem qualquer noção do perigo correu atrás dela.

– Para Garoto, deixa ela ir.

Ele atendeu o comando. Provavelmente já tinham adestrado aquele cachorro. Possivelmente seu dono morreu e ele sobreviveu.

A onça correu uns 150 metros e subiu no alto de uma árvore. Como tinha pouca vegetação, eu ainda conseguia vê-la. Apontei minha arma e dei um tiro para assustá-la. Ela pulou da árvore e continuou a correr até sumir de vista.

Fiz festa para Garoto.

– Meu herói.

Acho que o episódio criou um elo e Garoto agora aceitava minha aproximação.

O tiro acordou a todos.

– Olha quem é o novo integrante dessa família! - disse apontando para o Garoto.

Não é possível descrever com palavras a felicidade demonstrada por Fernanda.

– Ele pode ficar com a gente, tio? – implorou Fernanda;

– Se ele quiser querida, se ele quiser.

Mesmo sendo tarde, Carol abriu mão do protocolo e preparamos para o Garoto uma refeição digna de seu ato heroico.

Garoto não se afastou mais de nós. Tinha liberdade para ir e vir, mas sempre estava por perto. Assumiu a responsabilidade de defender o grupo, fidelidade típica desses animais.

Volta e meia, Garoto aparecia com um rato na boca querendo retribuir a comida que lhe dávamos - o que causava protestos das três. Pequenos momentos de diversão em meio ao caos.

Os dias que passamos durante o percurso por trilha foram de longe os mais difíceis de toda a viagem. Com terreno

irregular, sem visão privilegiada, dormindo em condições improvisadas, com uma criança pequena e uma idosa que, mesmo com saúde, sentiam mais que nós adultos. O que amenizou um pouco as dificuldades do caminho foi a anestesia natural criada pela nossa ansiedade de encontrar a comunidade.

Por mais que tivéssemos um mapa, havia o medo de que nos perdêssemos no meio da floresta, ou de que não existisse mais comunidade nenhuma.

Foi quando atravessávamos uma parte mais alta da trilha que vislumbramos algo que não imaginaríamos mais ver. Uma parte intocada do bioma, a floresta nativa estava intacta. Essa parte do planeta com certeza não foi incinerada.

Não me pergunte o porquê. É possível que tenha algo a ver com o campo magnético do planeta e a latitude do local, mas eu não sou um cientista para afirmar.

Depois que entramos na área preservada, minha paranoia aumentou. Parecia que estávamos sendo observados o tempo todo, porém eu não conseguia identificar onde nem quem. Eu era um homem da selva de pedra em uma selva de verdade.

Certo dia, fomos acordados por um grupo de recepção de Aquarius. Eles sabiam que estávamos chegando e, como souberam que no grupo tinha uma senhora e uma criança, decidiram vir até nós.

– Mas como vocês sabiam de sobre nós? Com essa mata fechada não há como observar à distância - perguntei.

Renato era um homem nos seus 30 anos de idade e um dos líderes de Aquarius. Ele comandava o grupo que nos recepcionou e nos explicou de forma detalhada:

– Nós somos todos convidados aqui. Essa terra é dos povos indígenas que vivem nela desde os primórdios. Felizmente eles nos aceitaram e abriram mão do território onde está fundada Aquarius. Eles monitoram todos os que entram na floresta deles, principalmente porque você tinha uma arma de fogo. Foram eles que nos alertaram que vocês estavam chegando. Depois de acompanhar vocês alguns dias e ver como tratavam seus velhos, crianças e animais, decidiram que não eram “brancos maus” e só por isso vocês estão vivos. Eles ajudam a manter a insanidade humana longe de nós.

No meio de um lugar onde aparelhos de GPS jamais encontrariam, apareceu no, meio da mata, a imponente Aquarius, com seus muros de madeira das árvores tiradas da enorme clareira onde está fincada a comunidade.

– Não é possível que tenham construído tudo isso em um ano - provoqueei

– Levamos cinco anos para construir – respondeu Renato sorrindo.

Vendo minha cara de confusão, ele completou:



– Fomos chegando, vindos de diversos lugares. Alguns acreditam que foram alertados por vozes e sonhos, mas a maioria de nós veio para cá porque foi percebendo os sinais de uma inevitável e irreversível transformação do planeta. Fomos confundidos com seitas religiosas, mas, como nos instalamos em um local de difícil acesso, fomos poupados de curiosos.

Antes do evento não chegavam a duzentos e cinquenta indivíduos. Depois de passados alguns meses do evento, os integrantes passaram a procurar sobreviventes e, naquele momento já somavam oitocentos e setenta e três seres humanos, fora os animais, vivendo em uma comunidade autossustentável no meio da floresta - sonho utópico de tantos hippies nos anos 60.

Eles já tiveram energia elétrica, mas, mesmo não sendo atingidos pelo fogo espacial, o pulso eletromagnético chegou lá e destruiu os geradores que funcionavam como pequenas hidrelétricas, contudo eles tinham esperanças de trazer a luz de volta.

– Não é fácil, mas também não é impossível. Nós mandamos expedicionários até à zona franca de Manaus para conseguir componentes que por ainda não terem sido usados, não foram danificados. O problema é que, por não ter como transportar com facilidade sem veículos, as peças pesadas demoram a chegar, mas já vamos religar nosso primeiro gerador assim que eles chegarem. Já vai dar para usar ferramentas elétricas e elevar água, nossas maiores dificuldades – explicou Jonathan, um dos líderes da comunidade.

– A energia elétrica também vai ajudar a melhorar nossa horta hidropônica. Com iluminação artificial, podemos produzir mais e não ficamos dependendo só da iluminação desse sol enfraquecido – completou Renato.

– Nós vivemos da nossa horta, caça e pesca. Os nativos definiram a área que podemos caçar e pescar e nos alertaram que se consumíssemos os recursos de nossas áreas sem pensar no amanhã, como homens brancos costumavam fazer, morreríamos de fome porque não deixariam que fizessem o mesmo com outras áreas. Portanto, caçamos e pescamos com responsabilidade, sem desperdícios - lembrou Jonathan.

Aquarius era uma democracia. Tinham líderes aclamados em reuniões gerais que pareciam assembleias, profissionais pós-graduados, doutores, professores e indivíduos com as mais diferentes habilidades. Homens, mulheres, velhos e crianças. Os pequenos estudavam e os adultos achavam uma função na comunidade.

– Os nossos amigos nativos nunca se enganam, não temos dúvidas. Se for da vontade de vocês, o seu grupo e seu cão podem ficar e se tornarem aquarianos.



Todas as famílias têm casas construídas através de mutirões da comunidade. Vocês, como acabaram de chegar, ficarão no alojamento de recém-chegados até construirmos a de vocês - tranquilizou-nos Jonathan.

Aquilo tudo parecia um sonho, estávamos encantados. Perdemos nosso filho, amigos e familiares, mas enfim conseguimos um fio de esperança apesar de o futuro não ser, de longe, o céu de brigadeiro que imaginamos.

Jonathan, do alto de sua experiência de quase sessenta anos, trouxe-me de volta à realidade.

– Nós batalhamos aqui para dar um pouco de conforto para nossa comunidade, mas não podemos nos enganar. Temos cientistas aqui e eles são unânimes em afirmar que o planeta viverá mais uma idade de gelo, porém dessa vez ela será irreversível porque o sol não terá mais condições de manter a água no estado líquido, ingrediente fundamental para a manutenção da vida no planeta – disse ele.

– Eles não podem estar enganados? Até a N.A.S.A. se enganava – insisti.

– Eles não se enganavam, eles mentiam. A questão é quanto tempo temos antes do gelo chegar aqui. Podem ser cinco, dez, talvez quinze anos.

Fiquei triste não só por Fernanda, mas por todas as crianças de Aquarius, condenadas a uma existência que seria tão precocemente interrompida.



Vamos resistir até onde der e nos conformar com o inevitável destino de todos os seres vivos? Nessa situação, somos sinceros com as crianças e as traumatizamos com a verdade ou deixamos elas serem apenas crianças e aproveitarem a felicidade artificial da ignorância a respeito de seus destinos?

Como nossos antepassados, nós sempre optamos por poupar as crianças.

## Capítulo 11 – Da escuridão surge a luz

Os meses foram passando e já estávamos ambientados em Aquarius. Todos encontramos nossas funções na comunidade.

Eu, como era bom com números e planejamento, ficava incumbido de controlar a distribuição de alimentos. Carol ajudava aos arquitetos e engenheiros com suas habilidades de desenho. Emília, com sua vitalidade inesgotável, comandava os exercícios físicos das pessoas da melhor idade.

Mesmo indo bem na tarefa de se manterem vivos, era possível ver nos semblantes, sobretudo dos adultos, um indistigável desânimo à medida que o frio não passava e ia lentamente piorando.

Até alguns dos religiosos estavam começando a questionar os seus destinos. Eles se questionavam do porquê de terem chegado até ali se iriam morrer congelados. Tinha que ter algo preparado para eles além de ser como bois na fila do abatedouro.

Preocupado com os boatos, tentei minimizar as certezas que se espalhavam:

– Eles não têm certeza de nada. Não tem como comparar o que está acontecendo agora com nenhum evento conhecido pelo homem. O gelo vai chegar aqui um dia? Não tenho dúvidas.

Mas pode ser só depois que a neta da Fernanda estiver enterrada - disse para Carol e Emília.

A era de gelo não era a única preocupação em Aquarius. Eles estavam monitorando o cada vez mais gigantesco Júpiter, tinham telescópios mais potentes e monitoravam principalmente o sistema solar, que parecia ter vida própria desde o evento.

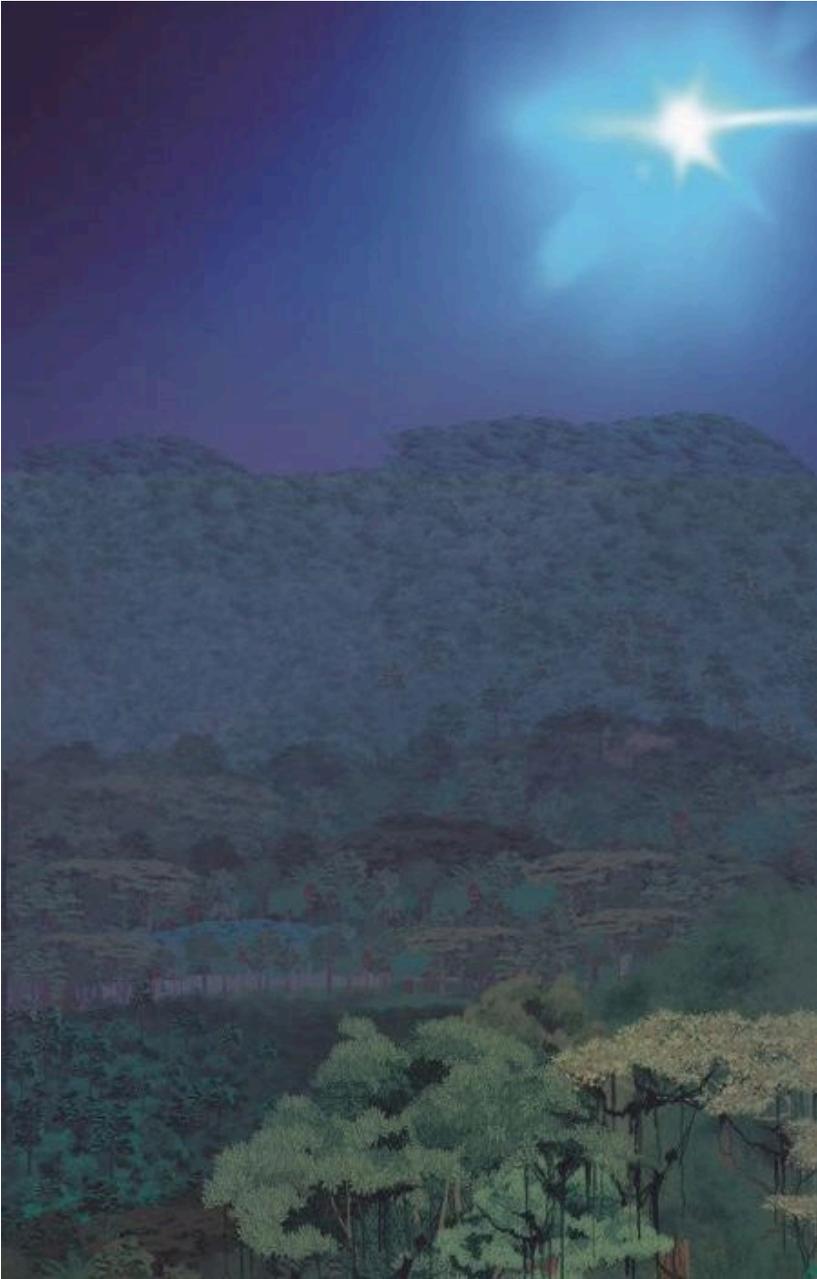
– Nossa preocupação é que aconteça algo com Júpiter que bagunçaria de vez o sistema solar. Podemos até ser ejetados do sistema caso Júpiter saia da sua órbita com esse gigantismo. Tudo isso deixa a gente muito assustado - enfatizou Renato.

Viver na tranquilidade de Aquarius mudou minha rotina de noites mal dormidas. Eu dormia e descansava como um ser humano normal e isso era uma dádiva.

Em uma dessas noites de sono tranquilo, fui despertado por burburinho vindo do lado de fora da casa que construíram para nossa família. Pela luminosidade parecia o dia amanhecendo, mas estávamos ainda no início da madrugada.

Temí que tivesse acontecido alguma fatalidade com Júpiter e nosso destino estivesse selado.

De fato, era Júpiter a causa do alvoroço, mas porque as pessoas pareciam festejar?



Saí e quando olhei para o céu, vi algo maravilhoso. Gerações anteriores não viveram o inferno que passamos nos últimos meses, mas também ninguém nunca presenciou algo dessa magnitude e grandeza.

Júpiter, composto de gases formadores de estrelas, tinha se convertido em uma. Um sol azul. Os cientistas de Aquarius criaram suas teorias para tentar explicar que o evento com o sol tinha desencadeado as primeiras fusões nucleares que se multiplicaram como uma chama que se espalha em uma caixa de fósforos.

O sistema solar tinha se transformado em um sistema binário, com uma estrela decadente maior e uma nova pequena.



Por enquanto, Júpiter estava oposto ao sol e quando o velho sol nascesse, o novo sol já teria se posto, mas em breve veríamos os dois sóis brilhando no mesmo dia.

O brilho da nova estrela, apesar de mais distante e menor, conseguia aquecer nossa pele e nosso sangue.

Não sabíamos se o novo sol seria capaz de evitar a nova era do gelo ou prorrogá-la para um futuro próximo.

Não tínhamos a menor ideia de como a natureza reagiria afinal teríamos dias sem noites durante uma época do ano, e dias com pouca luz e noites de muito frio quando a órbita do novo sol o levasse para longe de nós.



A única coisa que sabíamos é que aquele acontecimento maravilhoso seria uma nova esperança para todos nós.

FIM



